

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
C. F. P. CAMPUS - V
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA
VISÃO DOS DOCENTES DA
ESCOLA ESTADUAL DE 1º E
2º GRAUS PROF. CRISPIM
COELHO

Maria Percíncula Leite Lima

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES-CAMPUS V
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

A ORIENTAÇÃO SEXUAL
NA VISÃO DOS DOCENTES DA ESCOLA
ESTADUAL DE 1^o E 2^o GRAUS PROFESSOR
CRISPIM COELHO.

Relatório apresentado ao Departamento de Educação do Centro de Formação de Professores da UFPB, na disciplina Estágio Supervisionado em Supervisão Escolar, para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da prof^a. Betânia Maria de Oliveira.

Cajazeiras-1996

ORIENTADORA:

Prof^a. Betânia Maria de Oliveira.

Betânia.

Havia um sonho, uma esperança que brotou de um ideal, mas, carecia de mãos firmes para ser engendrado. Encontrei em você, a orientação desejada para a sistematização das minhas idéias e a conclusão deste relatório.

"O amor conjugal, o amor materno, o amor filial ou fraterno, o amor da Pátria, da raça da Humanidade, são refrações do amor divino, que abrange, penetra todos os seres, e, difundindo-se neles faz rebentar e desabrochar mil formas variadas, mil esplêndidas florescências de amor."

(Léon Denis)

A Anry, Fernando, Fernanda e Damiana, e, aos meus familiares, que vivenciaram comigo toda essa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Aos administradores da Escola Estadual de 1^o e 2^o Graus Professor Crispim Coelho, Cajazeiras - PB, e do Clube do Menor Trabalhador da cidade de Pombal - PB, pela colaboração no desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores que durante o curso, nos proporcionaram trilhar novos caminhos.

Aos colegas, pelo convívio e a troca de experiência, que nos ensejou novas perspectivas.

As professoras Elionita e Cleonice, pela competência na correção da redação.

A Fernanda e Fernando pela digitação deste trabalho.

A Geraldinha, pela ajuda na seleção do álbum-seriado.

A Neves, pela amizade.

"A adolescência é como um muro de vidro: não há portas nem passagens, só a disposição de crescer pode traspô-lo. Quem tenta escalá-lo só o fará após muitos escorregões; quem ousa parti-lo, há de ferir-se com seus estilhaços. Do lado de cá há reminiscências de ternura e aconchegos; do outro, promessas de conquistas e êxtases."

(das anotações de um adolescente)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	09
JUSTIFICATIVA.....	10
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I- A Educação e a sexualidade: perspectivas teóricas.....	14
CAPÍTULO II- A adolescência e os aspectos conflituais iminentes da sexualidade.....	18
CAPÍTULO III- Orientação Sexual nas escolas: qual a sua pertinência.....	24
CAPÍTULO IV- Orientação Sexual: uma proposta de intervenção.....	28
CONCLUSÃO.....	33
BIBLIOGRAFIA.....	41
ANEXOS.....	45

APRESENTAÇÃO

Nos últimos anos, com o crescente número de portadores do HIV, vem se abrindo espaço nas escolas para debates sobre temas relacionados à sexualidade. Esta dimensão do ser humano não pode ser ignorada, pois a sexualidade é algo que se constrói no dia a dia do indivíduo, devendo a escola investir na formação do docente, a fim de que, uma reflexão permanente venha fazer parte de programas desenvolvidos no currículo escolar.

Desde o início do curso, já havíamos percebido a carência em nossas escolas, a respeito da educação sexual, manifestada pelos alunos, principalmente nas escolas públicas, onde a clientela é oriunda das camadas menos favorecidas, e, por isso mesmo, mais desassistidas em todos os níveis, sobretudo o da sexualidade. Foi então, que nos propusemos a desenvolver um trabalho na intenção de fornecer aos docentes da Escola Estadual de 1º e 2º Graus Prof. Crispim Coelho, elementos para uma reflexão em torno de uma das problemáticas que envolve o adolescente, qual seja a sexualidade. Num primeiro momento, analisamos as dificuldades encontradas para a implantação de um trabalho desta natureza. A partir daí, criamos um ambiente propício à discussão, onde se pôde observar a problemática emergente na realidade escolar, envolvendo a sexualidade adolescente. Num segundo momento, partimos para algo concreto - a elaboração de um curso cujo objetivo prendeu-se a fornecer informações acerca dos principais aspectos inerentes a sexualidade adolescente, buscando com isto, subsidiar os docentes para uma reflexão mais apurada sobre o papel que lhes compete desempenhar, despertando-os para a compreensão de que a Orientação Sexual é um desafio ao qual não se pode escapar, isto porque, "se a escola não tratar da questão sexual, estará transmitindo aos alunos, a noção de que o assunto é mesmo um tabu, sobre o qual não se pode falar". (Suplicy, 1995).

JUSTIFICATIVA

Em junho de 1995, a revista ISTOÉ publicou uma pesquisa feita pela Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, com adolescentes de 14 à 17 anos, de ambos os sexos, que revelou o comportamento sexual dos adolescentes dos anos 90. Essa pesquisa nos despertou para a responsabilidade que a escola deve ter no acompanhamento aos jovens com relação aos assuntos da sexualidade. Entre os vários aspectos da sexualidade, abordados pela pesquisa, destacamos o da escolha dos preservativos, uma vez que, ficou evidenciado, que a prática sexual entre estes vem ganhando mais liberdade, sobrando-lhes a responsabilidade na escolha de preservativos. O resultado dessa pesquisa corroborou nosso ponto de vista; onde os adolescentes podem buscar orientação para as suas dúvidas? Um número considerável de adolescentes respondeu: "se o meu destino é pegar AIDS, eu pego, não adianta fazer nada". Essa resposta revela o despreparo do jovem frente a um problema que é de responsabilidade não só da área de saúde, mas também da escola, que tem por finalidade maior fornecer informações gerais ao indivíduo.

A escola, cujo papel fundamental é aliar compromisso e informação, não pode ignorar que é na adolescência que surgem as grandes dúvidas, curiosidades e interesses pelos assuntos ligados aos segredos e descobertas do próprio corpo. Se esta pretende cumprir sua função, terá de produzir um ensino de qualidade investindo em palestras, material informativo e aulas dialogadas, partilhando com o adolescente suas indagações, curiosidades e preocupações acerca da sexualidade.

Trabalho desta natureza, já vem sendo desenvolvido em escolas de várias regiões brasileiras. Os programa de Orientação Sexual, oferece a docentes e discentes espaço para se discutir os temas relacionados à sexualidade, como desenvolvimento humano, relacionamentos, comportamento sexual, saúde sexual, e muitos outros, que vão ajudar o adolescente a identificar e expressar seus sentimentos de forma responsável.

INTRODUÇÃO

A sexualidade tem sido uma temática preocupante para nós, sobretudo porque nos instiga saber: qual o papel do supervisor educacional frente a esta problemática? Como viabilizar uma proposta que contemple os assuntos relacionados à sexualidade? Qual a metodologia adequada para inserir numa discussão as questões relacionadas à sexualidade vivenciadas pelos adolescentes?

Em meio a estas reflexões, tomamos conhecimento de um projeto do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual-GTPOS, cuja proposta, é desenvolver junto as escolas de 1º e 2º Graus e pré-escola, uma metodologia que possibilite aos docentes tratar com naturalidade as questões da sexualidade humana. Assim, sentimo-nos fortalecidos para iniciarmos um trabalho que pudesse oferecer aos docentes do 1º Grau da Escola Estadual de 1º e 2º Graus Professor Crispim Coelho, subsídios necessários para abordar a problemática que envolve a sexualidade adolescente.

Delimitados os objetivos, contactamos a diretoria da escola a qual se mostrou receptiva a nossa proposta, afirmando inclusive, que esta veio de encontro as necessidades da escola que enfrenta sérios problemas concernentes a esta temática, ressaltou entretanto, a urgência na implantação de uma trabalho desta natureza que venha contemplar os assuntos referentes a sexualidade, embora reconheça o despreparo dos docentes em viabilizar uma proposta como a do GTPOS.

No primeiro contato com os professores da EEPCC percebemos-lhes o entusiasmo em tratar das questões referentes a sexualidade, todos se sentiram a vontade para falar, sobretudo, das inquietações causadas pelas manifestações sexuais dos adolescentes que surgem em sala de aula.

Na ocasião, abordamos vários aspectos da sexualidade humana e suas consequências, como por exemplo, a educação que

recebemos desde o nascimento, que nos permite incorporar valores, símbolos, preconceitos, tabus e ideologias que formam no indivíduo, hábitos e costumes, que poderão ser determinantes para o comportamento individual na fase adulta.

Uma ampla discussão foi aberta em torno do papel da escola, frente a esta temática, e de como o professor deve proceder para oferecer uma Orientação Sexual capaz de preencher as lacunas deixadas pela educação recebida em família, pelo meio social, e pelas aulas de Ciências e Biologia que informam sobre a reprodução humana, mas não dá conta de discutir outras questões que envolve a sexualidade, tais como: família, namoro, comportamento, etc..

Os professores reconhecem que a escola deve se posicionar na busca de uma alternativa viável a uma discussão, no sentido de contribuir para minimizar os problemas cruciais emergentes, embora reconheçam também, que o maior problema que enfrentam é o despreparo para tratar das questões referentes à sexualidade que surgem entre os adolescentes. Cada aluno tem sua peculiaridade ao deixar transparecer sua problemática. Como falar do assunto face aos diferentes níveis que apresentam os alunos? Este é um dos fatores que inibe os docentes de buscar uma dinâmica capaz de contemplar a todos que manifestam interesse em saber sobre o seu corpo. Compreendem também, ser a escola um meio propício a se tratar das questões referentes ao sexo, sendo também sua função contribuir para uma visão positiva da sexualidade. Porém, não dispõem de material adequado que oriente como falar de sexo em meio a tabus e preconceitos, também, nunca participaram de cursos, seminários e oficinas ligados ao tema. Portanto, é compreensível a dificuldade que encontram em desenvolver um trabalho que contemple esta temática.

Durante a discussão, a proposta da Orientação Sexual foi vista como uma abertura essencial capaz de oferecer ao docente, uma metodologia que facilita, dentro do processo aprendizagem, recursos favoráveis a uma práxis sobre a sexualidade adolescente. No entanto, sentimos, ao final do encontro, uma certa falta de entusiasmo nos professores, quando convidados para, junto conosco, desenvolverem um trabalho no sentido de implantar na

escola a Orientação Sexual. Mesmo assim, não desistimos do nosso propósito em desenvolver um trabalho voltado para a capacitação docente, objetivando contribuir com alguns temas pertinentes a fim de colaborar com a escola no desempenho do seu papel.

Desta forma, sistematizamos alguns assuntos, visando oferecer ao educador, reflexões sobre as mudanças que envolvem a criança na passagem da infância para a fase adulta, em cujas mudanças, está implícita a sexualidade, que toma outra dimensão com o crescimento do corpo, e a busca de uma identidade que se torna um problema crucial nessa fase do desenvolvimento humano.

Pensando nisto, selecionamos temas no intuito de contemplar as dificuldades apontadas pelos docentes. "Um enfoque pedagógico para a Orientação Sexual na escola", se propõe contribuir para uma reflexão acerca da problemática que envolve o adolescente, principalmente no que diz respeito à sexualidade. O enfoque dos temas referentes ao funcionamento do corpo e o seu conhecimento, vão facilitar uma abordagem para trabalhar esta temática, mesmo que exista entre os adolescentes, o tabu e o preconceito envolvendo os temas pertinentes. Também, levar uma contribuição às escolas quanto ao papel que lhe compete desenvolver no seu dia a dia, junto ao alunado, no encaminhamento às questões que dizem respeito à sexualidade.

CAPÍTULO I - A EDUCAÇÃO E A SEXUALIDADE: PERSPECTIVAS TEÓRICAS.

Durante toda a vida, nos deparamos com diferentes situações que nos põe à prova nossa capacidade de aceitar e reagir, onde somos impelidos a conviver com nossas tendências, posturas e costumes, de acordo com o nosso conhecimento que, de certa forma, vamos adquirindo ao longo do tempo.

Tal processo, que vai desenvolvendo no indivíduo normas de conduta, é a educação que segundo Libâneo (1994) visa o desenvolvimento da personalidade "tendo em vista a orientação da atividade humana na sua relação com o meio social", essa interação se efetiva de acordo com a compreensão que se tem da realidade social em que se está imerso, e, acontece nas mais variadas esferas da atividade humana, consistindo principalmente na transmissão de conhecimentos acumulados pelas gerações anteriores à geração nova. Nesse processo, a educação assume função social, devendo atender a todos, nos seus diferentes níveis, político-sócio-econômico, pois têm como meta principal a formação humana dos indivíduos. Para atingir esse fim, a educação oferece perspectivas que permitem abrir novos caminhos para uma ação reflexiva e uma consciência crítica de si mesmo, onde se formam concepções de idéias, valores e modos de agir que vão repercutir no comportamento humano. A ação educativa impele o indivíduo a conquistar seu espaço no mundo, compreendendo a sociedade que o gerou e também qual o papel que lhe compete desenvolver nessa sociedade.

A educação tal como a compreendemos é um processo que leva a um fim, capaz de desenvolver no indivíduo a capacidade intelectual e moral do ser humano, objetivando sua melhor integração individual e social. É através da educação que se descobre caminhos e valores sugestivos de um desenvolvimento valioso para o auto-conhecimento. Brandão se refere a esse processo como algo intimamente ligado ao cotidiano do indivíduo.

"Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de outro todos nós envolvemos pedaços de vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação." (Brandão, 1989, p 7).

A educação é uma ação prática, e suas relações sociais se encontram na forma de ser dos indivíduos, onde a ação educativa age como um fenômeno social, porque apresenta condições favoráveis a mudanças. Esse fenômeno social abrange também a sexualidade humana, esta constitui-se num conjunto de práticas que inclui as preliminares de um relacionamento, portanto, está implícito nas relações sociais, cuja ação educativa pode parecer um desafio, mediante a realidade social com a qual nos deparamos hoje.

É sabido, que educar é desenvolver qualidades desejáveis numa pessoa. Essa também, era uma grande preocupação para Freud, principalmente no que tange as pulsões sexuais. Suas experiências o levaram a comprovar a existência da sexualidade na infância, fase em que começam a se formar as tendências sexuais que irão repercutir na adolescência. Ele também cogitou que o papel da educação era resgatar para a criança, um comportamento que fosse compatível com a utilidade de suas pulsões. Esse direcionamento das pulsões poderia ter fins eminentemente úteis, ao mesmo tempo que, significativamente, prazeroso, o que poderia ser conseguido através da educação.

Visto assim, a educação seria, então, o processo do despertar da condição humana, da capacidade que tem de controlar sua pulsividade no sentido de aprimorar a sua conduta, que venha a lhe proporcionar bem estar frente a sua sexualidade adolescente. Mas, o que vimos até agora, com relação à educação e a sexualidade, é que a educação tem contribuído decisivamente para sua repressão. Segundo Maria Cristina (1995) a educação incutiu

no ser a vergonha e o pecado que deve ser o sexo. O que precisamos compreender é por que, ao longo da história humana, o próprio homem permitiu que ao sexo fosse imposto o estigma do pecado, uma vez que este é a causa primordial da vida.

Foucault traz uma grande contribuição para elucidar esse ponto obscuro do nosso entendimento, retratando a repressão sexual sob vários ângulos, num deles, as práticas sexuais eram analisadas pela ótica jurídica e médica, e definidas como perversão e desvios de toda ordem. Provavelmente, teria sido essa a contribuição dada pela sociedade para que a sexualidade fosse vista como algo abominável, uma vez que as práticas sexuais eram reguladas por normas, "o direito canônico", a "pastoral cristã" e a "lei civil", marcavam uma "linha divisória" entre o "lícito" e o "ilícito" onde só se permitia a relação sexual dentro do casamento, e mesmo assim com sérias restrições.

Seguindo esse pensamento, podemos observar, que a religião, a ciência e a sociedade trabalharam juntos por um longo tempo, resultando no modo como encaramos a sexualidade.

Importa dizer que a religião e a educação tiveram papel muito importante na forma de reprimir uma atividade, que está na natureza das coisas, como é o sexo. Ao se falar dele, é preciso observar que é uma atividade também voltada para a reprodução da espécie e, por isto mesmo, é algo intimamente ligado à essência da vida que carece de ser tratado com naturalidade. Resta-nos saber, de que forma a educação pode atuar na esfera da sexualidade.

Freud falava em educar as pulsões, canalizando essas energias para novos ideais, permitindo ao jovem atividades intelectuais com o intuito de buscar um equilíbrio entre o prazer e a responsabilidade. De certa forma, a educação das pulsões implicaria em repressão sexual. Então, a repressão no dizer de Freud, se torna algo necessário, precisando-se para isso esclarecer em que domínio está essa repressão, se no nível do proibir, controlar, ou esclarecer, para que o próprio adolescente saiba discernir sobre o que terá necessariamente que fazer no desempenho de um papel importante na sociedade onde atua, o que

será possível, erigindo uma educação pautada nas necessidades sociais, mas, que venha também trazer satisfação para o adolescente.

O "processo educativo", portanto, não seria o reprimir, mas o esclarecer, a fim de que, o adolescente venha descobrir através desse processo que ele é responsável pelo papel que lhe compete desenvolver quanto a sua sexualidade e que no seu procedimento, podem estar implícitos transformações sucessivas, fato este, que o levarão a uma vida saudável e prazerosa.

Visto por este prisma, a educação daria grande contribuição para a formação individual e social do adolescente, no sentido de levá-lo a um equilíbrio entre o "prazer individual" e as "necessidades sociais".

CAPÍTULO II - A ADOLESCÊNCIA E OS ASPECTOS CONFLITUAIS IMANENTES DA SEXUALIDADE.

A sexualidade não é uma prioridade só do adolescente. A criança, ao nascer, já traz determinado no corpo as características sexuais primárias. Seu crescimento é acompanhado do desenvolvimento progressivo dos órgãos e das funções sexuais, durante o qual vai se identificando com suas características sexuais. Ele sabe se é menino ou menina, assumindo assim sua condição sexual. A medida que a criança começa a se socializar, começa também a se integrar a outras pessoas, esse fenômeno, comum a todo ser humano, vai despertando na criança seu potencial sexual, mas é na adolescência que esta potência atinge sua maturidade. É quando a criança desperta para as mudanças que ocorrem a nível do corpo, registrando com maior ou menor aceitação as transformações que lhe chegam. Esse desenvolvimento, coloca a criança frente a novas situações, onde ela se vê na iminência de assumir novos papéis, como por exemplo, o papel sexual, que muitas vezes pode ser interpretado como uma invasão a sua própria personalidade.

A passagem da infância para a adultez é a adolescência, essa etapa da existência humana, compreende a faixa etária dos 11 aos 21 anos, em alguns casos podendo prolongar-se até aos 24 anos. É o período em que o ser humano está em crescimento resultando numa maturação normal, pois é consequência de um complexo mecanismo de alterações hormonais, produzidas pelas glândulas como o hipotálamo, a hipófise, as gônadas e supra-renais. Os hormônios, secretados por essas glândulas, principalmente o hormônio do crescimento, secretado pela glândula hipófise, é o responsável direto pelo processo de transformações que advém com o crescimento do corpo. É, também, esta glândula que estimula fisiologicamente as gônadas a secretarem os hormônios necessários a maturação sexual que ocorre neste período da vida. Por este fator, a adolescência é

marcada por turbulências emocionais, que envolve o ser humano, provocando neste, uma série de conflitos naturais das transformações que ocorrem a nível do corpo. É uma fase de transição onde o crescimento está em pauta, implicando em alterações psíquicas decorrentes da natureza das relações que acompanham esse desenvolvimento.

Quando os hormônios são ativados e entram em ação (principalmente os da hipófise) causam no jovem determinadas mudanças físicas como o crescimento das características sexuais primárias (pênis e testículos nos meninos; vagina, útero e trompas nas meninas) e o aparecimento das características sexuais secundárias (crescimento dos seios, aparecimento de pêlos na região pubiana e axilar nas meninas; mudança de voz e aparecimento de pêlos na região pubiana e axilar nos meninos), surgindo a função sexual. A testosterona e o estrogênio estimulados pela hipófise são os responsáveis diretos pelo aparecimento dessas características.

Nos meninos, as primeiras transformações são o crescimento dos testículos e do pênis, este é o símbolo da masculinidade, motivo porque seu crescimento é acompanhado de grande ansiedade pelos adolescentes. Aparecem os pêlos na região pubiana, a voz muda de tonalidade e inicia-se a produção de espermatozóides.

Nas meninas, a primeira saliência é o seio, símbolo da feminilidade e maternidade, em seguida, vem a modelação da cintura, o alargamento dos quadris, o aparecimento de pêlos na região pubiana e axilar. O útero, a vagina e os pequenos e grandes lábios aumentam de tamanho ocorrendo a menarca (primeira menstruação).

A crise que se estabelece no jovem, em parte, é decorrente dessas mudanças, uma vez que, as pulsões sexuais são despertadas com o amadurecimento dos órgãos sexuais. Esse fenômeno, coincide com a busca de uma identidade que vai se formando em meio as reminiscências da infância, onde os conflitos vivenciados nessa fase, são resultantes dessa maturação orgânica,

lenta e gradativa, momento em que as atitudes adultas, vão substituindo as lembranças da infância.

Segundo Osório (1989) o crescimento é seguido de uma crise de identidade porque, no momento que busca ajustar-se consigo mesmo, terá também que ajustar-se ao contexto social. É este fator que desencadeia conflitos, pois reflete a modificação das pulsões sexuais que são decorrentes não só das transformações que lhe ocorrem, mas também do despertar da escolha sexual que gera a crise de identidade. Enquanto não consegue superar esta crise, não logra organizar-se psiquicamente para vivenciar tais transformações.

Esse, é o momento em que o jovem percebe com mais nitidez o que está ocorrendo a sua volta, reagindo diferentemente de quando era criança. Essa reação desprende um grande esforço por parte do adolescente. Ele tenta, a todo custo, superar os elementos do passado, como o "seguro mundo infantil". As transformações do corpo lhe conduzem a uma nova realidade onde se vê impelido a incorporar no cotidiano elementos do mundo adulto, sobretudo de uma identidade sexual, experiência essa relevante para o seu auto-conhecimento. Durante essa busca, o adolescente procura manter-se integrado com ele mesmo numa tentativa de não perder sua identidade individual. Mesmo reconhecendo que tem de desvencilhar-se da identidade infantil, procura ressaltar resquícios dessa identidade.

Segundo Aberastury, as mudanças fisiológicas que gradativamente vão acontecendo, repercutem na mente causando mudanças no comportamento que, muitas vezes, o adolescente interpreta como uma perda de si mesmo, uma vez que perde a infância, os pais da infância, e os hábitos infantis. Essas perdas muitas vezes vão gerar dor, tristeza, sofrimentos, acarretando-lhe um luto, que ele pode interpretar como a perda de uma pessoa amada.

"Só quando o adolescente é capaz de aceitar simultaneamente os dois aspectos, o de criança e

o de adulto, pode começar a aceitar de maneira flutuante as mudanças do seu corpo, e começa a surgir a sua nova identidade. Esse longo processo de busca de identidade ocupa grande parte de sua energia e é consequência da perda da identidade infantil que se produz quando começam as mudanças corporais".(Aberastury.1981, p. 66).

Assim, podemos entender, que um fator relevante para a busca da identidade é a aceitação e a conscientização que o adolescente precisa ter desse desligamento do mundo infantil. À medida que o corpo cresce, tornando-se adulto, vai morrendo a criança que há dentro do ser. Enquanto esse mundo infantil vai se distanciando, toma outra dimensão, acarretando, conseqüentemente, a necessidade de uma identificação com sua nova condição individual. Ele próprio percebe que a identidade infantil já não lhe serve mais, frente à nova situação. Se antes ele teria que brincar e estudar, agora terá que relacionar-se com a maturação sexual, característica principal da adolescência. Isto implica em novas responsabilidades no grupo, na turma, com os amigos e familiares. A mudança nos hábitos suscitam reações e confirma o que dizia Ana Freud, "seria anormal a presença de um equilíbrio estável durante o processo adolescente".(in Aberastury 1970, p. 27). Uma vez que ele está perdendo seu mundo infantil com o qual está habituado e adentrando no mundo adulto para o qual ainda não se encontra preparado.

A sexualidade é uma das características mais importantes da adolescência porque resulta da maturação dos órgãos sexuais que lhe faculta entrada no mundo adulto, mundo que ele vislumbra apenas o seu contorno, onde sente a necessidade de integrar todo seu passado, os aspectos rejeitados e os internalizados, com a perspectiva que se delineiam no campo psicossocial. Ao mesmo tempo, ele se sente impelido à sua vida passada, organizando sua

vida presente, projetando para o futuro os seus ideais. Este repensar, é interpretado como uma relação objetal cujo objeto é uma forma de vida que ele busca através das relações correspondentes as suas ansiedades prementes.

A base desse processo adolescente diz respeito à reformulação que terá de fazer dos seus conceitos a respeito de si mesmo. O despertar da sexualidade é o principal fator de conflitos na adolescência, mas é uma "moratória" onde ele experimenta angústias pela perda de suas condições infantis, e também pela dificuldade de aceitar as condições do mundo adulto. O adolescente se envolve em pensamentos e devaneios de natureza erótica ao mesmo tempo em que desperta para sua individualização, reconhecendo que seu papel é preponderante para sua realização pessoal e formação da personalidade adulta.

Essa, é uma condição própria do mundo adulto que têm grande significação para o adolescente, pois estas mudanças soam como um desafio por estarem intimamente ligadas às mudanças comportamentais. Ele sente, principalmente as meninas, que algo está mudando dentro do seu corpo, que não é só o crescimento, mas é o sentimento em relação as pessoas que também começa a mudar. O jovem descobre a carência afetiva, porque o amor também está adolescendo, então, busca um companheiro com quem possa partilhar os sentimentos, tanto no campo afetivo, ideológico, político e religioso. Muitos dos conflitos, entre os jovens, são amenizados nessa busca afetiva, razão porque encontram afinidade nos grupos onde podem partilhar os mesmos ideais e aspirações.

Essas experiências abrem-se como um mundo novo ao adolescente, que traz consigo importantes e profundas mudanças que podem resultar em conflitos que o jovem experimenta, tanto proveniente do amadurecimento lento dos órgãos, como de fatores externos, onde estão implícitos a família, a escola e o contexto social. As cobranças que são feitas aos jovens pelos adultos, por exemplo, repercurtem como fator fundamental para o seu equilíbrio psicossocial. Estes, têm o seu ritmo próprio, caracendo de compreensão para um relacionamento satisfatório, principalmente com os pais. A ausencia desta pode também ser causadora de

conflitos, quando o papel que lhe compete desenvolver não encontra eco no ambiente externo junto aos pais e no plano social. Coll afirma que:

"O importante não parece ser tanto o momento no qual se produz a maturação, como a constelação de variáveis na qual o momento da maturação se insere".
(1995, p.267).

Parece claro que o equilíbrio, nessa fase da existência humana, vai depender da relação entre o velho e o novo, onde a dinâmica dessa relação possibilitará um melhor desenvolvimento dessas transformações, informando-nos em que medida cada sujeito reage.

Uma reflexão sobre as transformações da adolescência é o ponto de partida para justificar a pertinência da Orientação Sexual. Os conflitos, naturais das transformações, principalmente os de natureza sexual, encontram, nesta proposta, o encaminhamento necessário. Ao defendermos uma Orientação Sexual, fazemo-lo com a convicção de que esta pode fornecer a resposta para os anseios dos adolescentes sobre as dúvidas e curiosidades que vão se formando, e para os quais, muitas vezes, não encontram respostas seguras no meio familiar e social

CAPÍTULO III - ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: QUAL A SUA PERTINÊNCIA.

A escola é uma instituição que transmite a educação e a instrução. É um espaço privilegiado porque é, ao mesmo tempo, uma instituição educativa e uma organização seletiva/reprodutiva, cujos efeitos socializadores estão além dos planos de ensino. A transmissão do saber que transforma o homem é historicamente acumulado, como podemos constatar em Luzuriaga (1990). Ao longo do tempo a escola tem sido esse meio que o homem utiliza para transmitir a cultura. Vista assim, ela se apresenta como um agente de transformação modificando o indivíduo e sua própria condição humana, legando à história, sua participação nas transformações das sociedades.

A escola, como formadora do indivíduo, dispõe de condições propícias para trabalhar numa perspectiva de conscientização, para tanto, deve estar preparada para ampliar sua função, oferecendo aos jovens, além de sua especificidade, um leque de informações a fim de atender aos reclamos da sexualidade, inteirando-se da responsabilidade que lhe compete no trato das questões inerentes à sexualidade.

Não podemos negar que, de certa forma, a escola determina o comportamento social. É no seu interior que é trabalhado a natureza individual numa tentativa de adaptar o jovem a circunstâncias exteriores da vida social, para as quais está se formando. É na escola que se abre um espaço para discutir sobre a formação global onde deve estar incluído também uma discussão sobre a sexualidade. Esta, deve ser tratada com interesse e o devido respeito, por fazer parte do indivíduo. Neste sentido, a escola deve refletir sobre a diretriz a tomar a respeito da questão, preparando-se para fornecer as informações que contemplem a sexualidade. Para que a escola possa assumir esta tarefa, é preciso que elabore uma proposta eficaz e ao mesmo tempo viável a uma discussão a respeito da temática.

Atualmente, existe a proposta pedagógica da Orientação Sexual atuando em escolas e instituições afins, em vários Estados da Federação, com a finalidade de oferecer aos profissionais de educação, subsídios essenciais para uma reflexão acerca dos valores sexuais. Estes programas abordam temas que abrangem o desenvolvimento sexual tais como: saúde, reprodução, afetividade, etc., utilizando uma metodologia adequada para planejar os assuntos enfocando as dimensões fisiológica, psicológica, sociológica e espiritual da sexualidade, onde é possível inserir nas discussões as questões do âmbito da sexualidade, tanto no nível do entendimento, quanto da aceitação por parte de crianças e adolescentes.

Nossa realidade, hoje, leva-nos a uma crescente preocupação, com relação aos comportamentos exibidos pelos jovens no ambiente escolar, principalmente no que tange a sexualidade. De modo geral, a escola é um ambiente favorável às manifestações eróticas, porque lá, os jovens estão, permanentemente, em contato, deixando fluir a sexualidade através da maneira de se vestir, andar, falar e se tocar. Nesse comportamento do jovem, observa-se muitas vezes, a falta de experiência necessária a uma vivência equilibrada e responsável, principalmente no que diz respeito a sexualidade, podendo também, esse comportamento, ser passível de conflitos entre os jovens mais sensíveis.

A falta de um programa que leve informações aos jovens repercute em sala de aula na postura que os adolescentes adotam com relação a sexualidade, é comum as risadas e piadas que emprestam ao tema uma conotação pejorativa. Na verdade o que falta ao jovem é a devida informação sobre seu corpo e o relacionamento que deve assumir no grupo e no campo social onde atua.

Considerando a flutuação no comportamento dos jovens, no tocante à sexualidade, podemos dizer que é premente à escola, hoje, tratar desta questão, mediante um programa de Orientação Sexual que ofereça, a docentes e discentes, um clima favorável para se discutir os conceitos fundamentais referentes à sexualidade,

pautados no respeito às pessoas. Os programas de Orientação Sexual devem também oferecer condições propícias para levar o jovem a uma compreensão do desenvolvimento humano e do pensamento crítico, capaz de levá-lo a compreender seu comportamento e o do outro, fator necessário para um relacionamento social eficaz. Este, é um referencial capaz de proporcionar ao adolescente, uma identificação com seus sentimentos, o que lhe possibilitará, de certa forma, respeitar a individualidade dos outros. Ao adotar um comportamento, mesmo expressando a sua sexualidade, o fará de forma harmoniosa com os seus valores.

A escola deve, então, refletir sobre a sua função de formadora dos indivíduos, e de como vem realizando seus objetivos educacionais. Por ser uma instituição educativa, dispõe de condições para selecionar e reproduzir idéias, contribuindo positivamente para uma formação global. Para alcançar este objetivo, a escola deve inserir no seu currículo, programas que venham enriquecer o trabalho docente, objetivando abrir canais para um debate permanente sobre a sexualidade. Esse espaço privilegiado, irá favorecer uma reflexão num clima acolhedor, possibilitando despertar gradativamente a compreensão do adolescente para sua formação sexual, pois esta não pode estar desvinculada do contexto geral da escola.

Para tanto, faz-se necessário desenvolver um programa que venha contemplar os problemas abordados pelos jovens, ensejando abrir um debate permanente para veicular subsídios ao adolescente, a fim de que, este possa preparar-se e utilizar estas informações no cotidiano, onde a sexualidade seja encarada como um processo natural que se manifesta de diversas formas e em níveis diferentes, podendo o jovem, mediante uma compreensão do seu corpo, ampliar seus conhecimentos, os quais lhe proporcionarão usufruir suas pulsões sexuais de forma saudável e com responsabilidade.

CAPÍTULO IV - ORIENTAÇÃO SEXUAL: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.

A Orientação Sexual é uma proposta pedagógica que vem sendo implantada em algumas regiões brasileiras desde 1989. É o resultado de experiências de psicanalistas, psicólogos e pedagogos interessados no estudo das questões da sexualidade, é um projeto do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual-GTPOS, direcionado a alunos do 1º e 2º Graus e pré-escola, que vem beneficiando escolas e instituições congêneres, no trabalho com crianças e adolescentes nesta área. O trabalho consiste no treinamento básico e na supervisão semanal dos professores envolvidos, com a finalidade de formar multiplicadores internos na área de Orientação Sexual. Promove também, palestras, trabalhos de sensibilização e oficinas de sexo protegido para diferentes grupos, empresas e instituições com o intuito de sensibilizar adolescentes, educadores e líderes comunitários para as questões relacionadas à sexualidade. Coordena cursos de Formação de Educadores Populares visando contribuir para alargar os conhecimentos sobre a sexualidade.

O GTPOS constatou, através da prática, que fornecer informações é necessário, porém, não muda comportamentos. Respalado nesta assertiva, oferece uma metodologia que visa fundamentar o trabalho de Orientação Sexual nas escolas, mediante programas de capacitação para profissionais da área da educação e saúde, onde são fornecidos elementos teóricos e estudos nas áreas da sexualidade e prevenção de DST/AIDS. Esta metodologia, tem a finalidade de utilizar nas discussões, as idéias novas que são trazidas pelos adolescentes. A problematização dessas informações vai preenchendo as lacunas deixadas pelas aulas de Ciências e Biologia. O estudo do sistema reprodutivo informa sobre o sexo, mas é insuficiente para abordar outras questões da sexualidade. Assim o trabalho de Orientação Sexual vai acontecendo em meio a troca de experiências onde, são preparadas dinâmicas a fim de atender a demanda da sexualidade, conscientizando os adolescentes para

comportamentos sexuais necessários à prevenção da gravidez indesejada e DST/AIDS.

No trabalho desenvolvido, na EEPCC pudemos observar, que a nossa realidade não é diferente de outras regiões, aqui, nossas escolas também têm a carência de Orientação Sexual, pois as crianças e jovens manifestam sua sexualidade natural das mais diversas formas. Essas manifestações muitas vezes são vistas como distúrbios pelos professores que, muitas vezes, não dispõem de uma metodologia adequada para trabalhar estas questões.

Conforme ficou evidenciado, numa sondagem feita com os professores do 1º Grau, as questões que são levantadas em sala de aula, pelos alunos, são resolvidos das mais diversas formas, de acordo com o momento em que surge a questão. Uma peculiaridade que nos chamou a atenção é a urgência em se fazer alguma coisa no sentido de despertar o corpo docente a enfrentar com mais naturalidade o que os jovens deixam transparecer através de sua fala.

É consenso entre os professores que a escola é um espaço adequado para tratar das questões inerentes à sexualidade. E quando indagados a respeito responderam de forma variada:

- Os professores são mais qualificados que os pais para enfrentar esse tipo de questão e também, estão em contato diariamente com os alunos.

- Os conteúdos de ciências trabalhados na escola fazem parte do organismo, facilitando a abordagem de temas relacionados à sexualidade.

- A escola é uma instituição que orienta e ensina com responsabilidade, onde se pode trabalhar as informações com mais coerência. O aluno tem a escola como fonte de saber, é nela que se obtém as informações e também discute-se sobre a sexualidade. A carência dos alunos sobre essa temática, se deve ao fato de não encontrar ambiente favorável a uma discussão com os pais, pois muitos são analfabetos ou semi-analfabetos, faltando-lhes preparo

para orientar os filhos em tão delicada questão. Assim, surgem os preconceitos e tabus muito comuns entre os jovens.

Os adolescentes oriundos das classes menos favorecidas são mais carentes de informações sobre a sexualidade. Esta pode contribuir significativamente para melhorar a auto-estima. Os debates, não só favorecem o aumento da criatividade e do poder de reflexão do adolescente, como é uma dinâmica que lhe oferece a oportunidade de discutir as causas do tabu e preconceitos que envolvem a sexualidade humana. Entre os principais problemas que, do ponto de vista dos docentes, dificultam tratar das questões inerentes à sexualidade em sala de aula, destacam-se:

- O principal deles é a falta de preparo por parte dos professores em promover um diálogo.

- Falta de esclarecimento dos pais para promover uma educação a fim de facilitar à escola continuar com as informações sobre a sexualidade.

- Falta de informações, material didático e tempo para pesquisar o tema. Sem esses requisitos não há possibilidades de se desenvolver um trabalho de qualidade.

- Baixo nível cultural dos alunos.

O despreparo dos docentes, no trato com as questões sobre a sexualidade, parece ser o problema mais acentuado. Eles se reconhecem com mais facilidade do que os pais para veicular informações, no entanto, sentem o despreparo e a ausência de treinamento para um trabalho dessa magnitude. Reconhecem, sobretudo, que a Orientação Sexual é um assunto sério, e por isso, requer muita responsabilidade por parte da pessoa que está falando. A falta de um estudo mais profundo do tema, não permite assumir um compromisso desse porte, e também gera dificuldades na escolha de uma metodologia adequada e linguagem própria. Requisitos como estes, são necessários para desenvolver com os alunos um trabalho de conscientização, visando despertá-los para uma "tomada responsável de decisões".

Quanto às informações que faltam para subsidiar um debate com alunos sobre a sexualidade, os docentes responderam serem todos os relacionados com a falta de material, onde se possa fazer uma pesquisa sobre o assunto.

Nossa preocupação hoje, é podermos levar aos docentes temas que possam desencadear discussões capazes de trazerem à superfície, reflexões sobre a construção de um conhecimento sexual, cuja problematização ofereça uma visão mais ampla sobre os assuntos que devem ser planejados para facilitar uma discussão e assegurar o início do trabalho com naturalidade.

Nesta perspectiva, partimos para a realidade de nossas escolas públicas, que atende em sua grande maioria, crianças e adolescentes de famílias financeiramente carentes, onde se pode observar, que nestes, os problemas referentes à sexualidade são mais acentuados, como é o caso da gravidez precoce e indesejada e o aborto indiscriminado. Isso se verifica, pela falta de informação dos pais, que não dispõem de condições para dar uma orientação neste sentido, e também da escola, que não incluiu ainda no seu currículo, programas que possibilite trabalhar estas informações a nível do aluno.

Uma reflexão mais premente sobre estas questões, deu-nos o ensejo de pensarmos enquanto supervisores, uma forma de abordá-las. É nosso propósito, enquanto agentes educacionais, desenvolver dentro da supervisão, uma ação crítica, cuja atividade educativa esteja a serviço de alunos e professores, promovendo o bem estar, o desenvolvimento e a transformação social, onde estaria incluída a Orientação Sexual, por ser esta muito escassa em nossas escolas. Hoje, as questões da sexualidade são discutidas de forma indiscriminada, deixando grande lacuna entre os adolescentes quanto aos conhecimentos que a estes deveriam ser repassados.

Dentro de nossa realidade pensamos uma proposta que pretende inserir no currículo de 1º Grau programas que venha atender as aspirações dos adolescentes quanto as questões sexuais, e ao mesmo tempo, oferecer aos docentes os meios de se

trabalhar essas informações atendendo as necessidades da clientela. Estes programas necessariamente, devem abordar as informações sobre o uso de preservativos, DST/AIDS e uso de drogas, e ao mesmo tempo, fornecer informações sobre os conhecimentos do corpo, as conseqüências que advém do relacionamento entre as pessoas e a responsabilidade do adolescente em saber se conduzir diante das transformações que lhe ocorre.

Portanto, todo corpo docente deve estar envolvido nesse processo, pois os conteúdos trabalhados nas aulas precisam estar vinculados a realidade do aluno. Por exemplo, as aulas de Educação Física que trabalha os movimentos do corpo, terá mais rendimento se associados aos conhecimentos aprendidos nas aulas de Ciência e Biologia, onde os alunos poderão ter uma melhor compreensão da sexualidade que flui. Nas aulas de História, pode-se mostrar as transformações sociais decorrentes do comportamento humano, onde também estão implícitas a sexualidade e sua repercussão nas diferentes épocas. Assim, as questões da sexualidade serão trabalhadas de acordo com a abordagem feita pelos alunos, dentro de sua realidade, o que pode ser feito naturalmente enquanto se trabalha os conteúdos. Cada professor pode contribuir para formar uma cadeia de informações no que diz respeito à sexualidade. Um programa de Orientação Sexual voltado para a realidade do aluno, vai possibilitar ao supervisor oportunidades de trabalhar a interdisciplinariedade, envolvendo todo o corpo da escola e ao mesmo tempo resgatar o seu papel de agente contribuidor e facilitador do processo de ensino.

Qual a utilidade da Orientação Sexual para a nossa realidade escolar? Como já falamos anteriormente, muitos dos problemas existenciais em nossos adolescentes decorrem da falta de conhecimento que ostentam quanto ao funcionamento do corpo. Para que um trabalho desta natureza dê resultados, é essencial leva-los a vivenciar os fatos e realidades que lhes são comuns, para que a interação do sujeito que aprende, se transforme em conhecimento a ser incorporado, e o mesmo passe a agir a partir do que lhes foi ensinado. Esse é um trabalho de grande repercussão na escola,

porque envolve a integração do corpo docente, e também a comunidade escolar.

Por que a Orientação Sexual deve ser trabalhada na escola? Por que a escola deve assumir também esse compromisso? A Orientação Sexual não é só uma questão pedagógica, mas sobretudo uma questão social, razão porque deve ser tratada pelo educador consciente dos problemas da sociedade da qual participa.

Para que a Orientação Sexual seja implantada, será importante, notificar aos pais e responsáveis quanto aos objetivos dos programas. Estes devem autorizar para que seus filhos participem, para tanto, devem ser informados dos benefícios que um programa como este, pode trazer no esclarecimento de dúvidas e alívio de tensões. As informações dos pais sobre seus filhos, podem servir de parâmetro para o planejamento de atividades a serem desenvolvidos nos programas com os adolescentes.

É fundamental, também, esclarecer aos pais que as diretrizes para este trabalho estão fundamentadas em alguns pilares, tais como: desenvolvimento humano, relacionamentos, comunicação, comportamento sexual, saúde sexual, sociedade e cultura. Estes devem ser desenvolvidos em forma de mensagens e trabalhados, de forma clara e objetiva, visando transmitir com segurança os conhecimentos científicos associados à realidade sociocultural da região e os valores relacionados à sexualidade humana.

Hoje, não podemos negar que a sexualidade acarreta grandes transtornos para nossos adolescentes, sendo estes o elemento principal para subsidiar nossa proposta de Orientação Sexual, por acreditarmos, que através do conhecimento trabalhado, será possível resgatar para a criança e o adolescente um comportamento compatível com as informações que lhe são fornecidas. O adolescente bem informado reflete em seu posicionamento um comportamento ético, porque compreende melhor seus direitos e deveres em relação ao exercício da sexualidade.

CONCLUSÃO

Em 1993, quando ingressamos na Universidade, mais precisamente no curso de Pedagogia, tínhamos claro a intenção de conhecer mais profundamente a educação, os caminhos que esta percorreu no seio das civilizações, como chegou a nossos dias, como a educação é vista hoje, como é repassada, e quais as perspectivas de uma educação capaz de formar o indivíduo para exercer um relacionamento responsável, pautado no respeito aos direitos humanos onde também, é claro, está incluído o comportamento sexual.

Sabemos hoje, que as práticas sexuais entre os jovens, são mais livres, mas não podemos ignorar, que estes, ainda são muito carentes de informações, principalmente sobre como prevenir a gravidez indesejada, e as DST/AIDS. Este é o motivo principal porque consideramos ser papel da escola enquanto instituição de aquisição do saber, fornecer as informações necessárias ao conhecimento do corpo, a fim de que os adolescentes venham usufruir de sua sexualidade sem comprometimento da sua integridade física e moral.

A experiência tem mostrado que a informação não muda comportamentos, razão porque as campanhas que são veiculadas pelo Ministério da Saúde, através da mídia, não tem sido suficiente na prevenção de doenças, gravidez indesejada e práticas abortivas, estas, com conseqüências gravíssimas, principalmente para adolescentes de baixo poder aquisitivo. Para que a informação dê resultados, é preciso que se articule ao conhecimento, por ter este a capacidade de fazer mudar o indivíduo, portanto de estar integrado ao saber do adolescente, no seu dia a dia. Isso pode ser feito pela escola, é nela que o adolescente encontra o meio propício, não só para aprender, mas também para deixar fluir a carência que ostenta com relação ao conhecimento do próprio corpo e do prazer que este proporciona, mediante práticas solitárias, ou envolvendo parceiros.

Foi a partir destes pontos, que surgiu o interesse de trabalhar uma temática, que pudesse contribuir para alargar a visão dos educadores quanto à responsabilidade de desenvolver metodologias que venham contemplar a carência dos docentes em tratar das questões relacionadas a sexualidade, e a curiosidade que os adolescentes têm quanto aos fenômenos inerentes ao próprio corpo.

Primeiramente, surgiu-nos a idéia de observar mais de perto que direcionamento é dado pelos professores da EEPCC às questões relacionadas à sexualidade. Era nossa intenção colher informações a respeito de como a escola viabiliza as discussões sobre as questões sexuais levantadas pelos adolescentes, e, a partir desse ponto, traçaríamos as diretrizes para nossa proposta de Orientação Sexual.

Ouvimos os professores numa conversa informal, e também colhemos informações através de um questionário, o qual surgiu da necessidade de sabermos qual a posição dos referidos professores, com relação ao tema que ora trabalhamos. A priori, pretendíamos fazer uma análise mais detida acerca dos dados levantados sobre a situação dos professores. Mas, por questões contingenciais tivemos nosso intento inviabilizado. Em razão disto, o questionário aplicado nos foi útil por nos retratar a realidade da população com a qual pretendíamos desenvolver nosso trabalho. Esse questionário nos deu subsídios para afirmarmos da validade da nossa proposta, de desenvolvermos um trabalho voltado para a carência do alunado. A partir das respostas, analisamos mais detidamente a problemática que envolve o tema e as dificuldades encontradas pelos docentes na implantação de um trabalho desta natureza.

Pudemos observar ainda, através das respostas, que uma Orientação Sexual irá contribuir para uma formação diferente da que o adolescente vem recebendo até então. A Orientação Sexual se propõe, sobretudo, a trabalhar as informações com a finalidade de construir o conhecimento, facultando ao adolescente discernir o que lhe compete fazer para desenvolver um comportamento coerente com os direitos humanos.

No entanto, a proposta da Orientação Sexual como deve ser trabalhada, ainda soa como algo muito distante na realidade das nossas escolas (de Cajazeiras). As informações que nos chegam, juntamente com o que presenciamos na prática docente, é que há uma grande desinformação na forma de tratar as questões da sexualidade humana. É importante aos docentes compreender que somente através do conhecimento trabalhado será possível erigir uma educação voltada aos interesses coletivos.

Não é de se estranhar, portanto, que essa proposta fosse vista como uma novidade, e como algo novo, precisa de tempo para ser analisada, rejeitada ou aceita, embora se saiba da importância e da necessidade de se fazer algo que venha ajudar a solucionar a problemática emergente. Assim foi organizado um trabalho (Um enfoque pedagógico para a Orientação Sexual na escola) que consistiu na sistematização de alguns assuntos com a finalidade de permitir aos docentes uma reflexão acerca da tarefa que é a Orientação Sexual.

A priori, o curso seria extensivo aos docentes da 2ª fase do 1º Grau da EEPCC, e seria ministrado em 30 horas aula no período de 27 de maio a 07 de junho de 1996, na referida escola.

Em consequência da greve da Universidade, que se estendeu de 06 de maio à 03 de junho de 1996, não foi possível aplicar o curso na data prevista. Ao término da greve, a escola se preparava para entrar em recesso, não havendo portanto, por parte dos professores, um clima favorável para o desenvolvimento do trabalho, uma vez que, estavam todos envolvidos com o encerramento do semestre, faltando-lhes pois, motivação para participarem do referido curso.

Diante desse imprevisto com o qual não contávamos, atendemos a um convite, que nos havia sido feito anteriormente, pelo Clube do Menor Trabalhador, da cidade de Pombal, PB., onde ministramos o curso nos dias 25 e 26 de junho do ano em curso com a duração de 16 horas aula, com a presença de docentes, administradores, supervisores, representantes do Conselho da

Criança e do Adolescente e da Pastoral da Criança, que se sentiram sensibilizados com a nossa proposta.

No decorrer do curso, observamos a urgência dos docentes em encontrar uma forma de trabalho capaz de abrir uma discussão que contemple todas as questões que surgem em sala de aula referentes a sexualidade. Um trabalho como este, deve ser efetivado não só em escolas, mas também, nas Associações onde se desenvolvem trabalhos com crianças e adolescentes, dada a diversidade de problemas que surgem envolvendo a sexualidade adolescente.

Nas dinâmicas desenvolvidas no decorrer do curso e nas discussões que surgiram, sentimos mais de perto, que a nossa sociedade está repleta de contradições sobre a forma de se trabalhar a Orientação Sexual tanto com crianças como com adolescentes, principalmente, nas camadas mais populares e de baixa renda. Ficou evidenciado a prioridade em se tratar da Orientação Sexual onde a promiscuidade é mais notável.

A implantação da Orientação Sexual foi discutida e pensada como algo capaz de promover uma educação humanitária voltada para os interesses dos adolescentes, tendo-se em vista que hoje as práticas sexuais estão causando sérias conseqüências de ordem orgânica, psicológica e social exigindo da escola enquanto instituição pública, discussão e inclusão no seu currículo de debates com o intuito de orientar e preparar o jovem para uma prática sexual saudável e com responsabilidade.

Uma outra preocupação, por parte dos educadores envolvidos na discussão, é que a Orientação Sexual é uma realidade premente na escola, mas a quem compete?

A proposta é viável, mas terá que partir de uma instância maior que é o Estado, os educadores e diretores, envolvidos no processo ensino-aprendizagem, precisarão unir forças para encarar de frente a problemática que atinge sobretudo o adolescente. Uma reciclagem vai despertar o educador para a urgência de se implantar um trabalho como este nas escolas. Como a escola pode se furtar de

abordar esta temática se nossos adolescentes estão a mercê de revistas e filmes pornográficos que circulam livremente?

No entanto, é preciso que o professor se capacite para transmitir sem rodeios as informações necessárias, do contrário, pode incorrer no erro de abordar os assuntos de maneira vulgar, sem levar em conta os direitos que assegura o ser humano, de ter os seus pontos de vistas respeitados.

A participação dos educadores no curso, deixou grande contribuição quanto a nossa perspectiva. A Orientação Sexual foi entendida como algo que contribui positivamente para o conhecimento do corpo, respeito ao outro prevenção de danos contra seu corpo e ao o do outro. É uma alternativa para se trabalhar concretamente as questões que tratam da sexualidade no âmbito escolar, e também é um instrumento que viabiliza o trabalho, por serem oferecidas as condições necessárias para uma capacitação a uma abordagem segura sobre o assunto.

Na avaliação que se fez, para se ter uma noção da aceitação do curso, colhemos informações relevantes para a continuidade deste trabalho. O curso alcançou os objetivos a que se propôs, uma vez que as informações dadas foram úteis para uma reflexão e culminaram com a urgência de se implantar um trabalho desta envergadura, confirmando também o nosso receio quanto a esquiva do docente em trabalhar esta temática. Como a Orientação Sexual é algo novo, é preciso tempo para rever esta prática, a qual requer por parte do educador habilidades para lidar com estas questões.

Entre os participantes do curso, encontrava-se uma adolescente que deixou muito forte a sua impressão quanto a aceitação que os debates sobre programas de Orientação Sexual vem tendo, e de quanto esta é necessária aos adolescentes. A sua fala nos sensibilizou e confirmou também o nosso ponto de vista quanto a necessidade de continuar a fazer algo neste sentido.

"A Orientação Sexual é uma proposta de grande importância, para que as crianças e adolescentes possam se auto conhecer e revelar-se, sem medo ou vergonha de retirar dúvidas a respeito da sexualidade ou do seu próprio corpo. Porque se o adolescente não tem uma orientação lógica e concreta do que seja a sexualidade, a sua cabeça pensa como se fosse um furacão, com tantas confusões e transformações.

Eu falo desta maneira, porque ainda sou adolescente e sei o que está acontecendo com o meu corpo e minha mente, sem ter alguém ao meu lado para conversar e tirar minhas dúvidas em relação a esta mudança.

A orientação sendo através da escola, vamos encarar com mais facilidade, pois acredito que teremos orientadores a qualquer momento que precisarmos de acompanhamento neste processo de confusões.

(A.C. Clube do Menor Trabalhador)

Analisando o que foi dito por esta adolescente, consideramos que a Orientação Sexual pode ser a solução para problemas que se agravam por falta de informação, como ficou evidenciado. Deste modo, a Orientação Sexual pode construir junto ao adolescente conhecimentos relevantes para sua formação.

A proposta pedagógica da Orientação Sexual vem tendo uma aceitação unânime, principalmente agora, que o substitutivo ao Projeto de Lei nº 4.751/90 da Deputada Marta Suplicy sobre a

criação de Programas de Orientação Sexual, de Prevenção das DST/AIDS e uso de drogas, está despertando o interesse da população para debates em torno da responsabilidade que recai sobre a educação e a saúde em levar as informações necessárias, a crianças e adolescentes visando a promoção do bem-estar sexual, fundamentados nos direitos humanos e na igualdade de respeito no relacionamento entre as pessoas.

Este trabalho nos trouxe grande contribuição, quanto às dúvidas existentes a respeito do papel do educador na prática, diante das questões sobre sexualidade levantadas pelos alunos, e também, qual a postura do docente diante de problemas apresentados por crianças e adolescentes envolvendo práticas sexuais. Durante o desenvolvimento deste, pudemos ver, que um trabalho desta natureza, pode abrir novos horizontes quanto às formas de se abordar problemas que até então nos parecia difíceis de resolução, mas que podem ser incluídos no cotidiano escolar, incentivando o corpo docente a tratar de forma natural as colocações que vêm dos adolescentes, que se trabalhados adequadamente, podem ajudar na superação dos conflitos naturais da adolescência, e ao mesmo tempo, contribuir para uma tomada de decisão para ajudar o jovem na construção do seu próprio espaço.

Durante a elaboração deste trabalho, pudemos perceber, que falta em nossas escolas o mínimo necessário, para que uma proposta como esta venha dar bons resultados, até porque, a Orientação Sexual não é um trabalho para ser feito isoladamente, nem pode se restringir a meias palavras, sem o devido conhecimento prévio do professor. O contexto escolar é extensivo a docentes, administradores e alunos, portanto, a Orientação Sexual deve ser planejada, como planejada são todas as atividades do processo educativo.

Outra peculiaridade se tornou transparente para nós; durante o curso, nas discussões, ficou sempre evidenciada nossa preocupação em: como modificar alguma coisa no âmbito escolar? A quem compete? Qual o papel do supervisor? Como agir frente a conjuntura? Indagações como estas, em parte, continuam sem resposta, embora tenhamos tido a oportunidade de observar que

qualquer mudança passa, conseqüentemente, pela conscientização do professor. Não é nosso objetivo fazer um diagnóstico da situação escolar, no entanto, apesar do pouco tempo para a realização do estágio, sentimos mais de perto a situação em que se encontra nossa educação, e porque não dizer também, a situação de nosso professor, que ao nosso ver, é a maior dificuldade que se encontra dentro das escolas quando se quer implantar algo novo como a nossa proposta.

Este trabalho também nos fez ver que os debates no decorrer do curso que ora concluímos (Pedagogia) não foram infrutíferos, se é verdade que para implantar algo teremos a estrutura como barreira, não é menos verdade que é preciso se dispor a começar esse algo. A renovação da educação é tarefa de cada um, portanto, de conscientização, cabendo ao supervisor estar atento para conduzir o processo. Assim é com qualquer trabalho que se pretende implantar. Primeiro levamos a idéia, propomos os objetivos, depois plantamos a idéia acompanhando passo a passo a sua trajetória, para enfim, colher os frutos do nosso esforço.

A Orientação Sexual, na visão dos docentes da Escola Estadual de 1º e 2º Graus Professor Crispim Coelho, é apenas o começo da realização de um ideal que pretendemos dar continuidade, por acreditarmos que um trabalho desse porte pode ajudar muito a dignificar o ser humano das classes menos favorecidas tão massacrado pelo nosso sistema, como são os adolescentes de nossas escolas públicas.

O trabalho não foi implantado como pretendíamos, várias foram as dificuldades encontradas entre as quais destacamos: o tempo, que não foi suficiente para executar uma tarefa como a que abraçamos, a falta de capacitação docente, material para se fazer pesquisa, tempo para se investir em pesquisa e a baixa remuneração que não dá incentivo a se desenvolver "mais um trabalho". Mas, pudemos ver, mesmo assim, que esses obstáculos não são insuperáveis. Em meio a tantas dificuldades aprendemos que é preciso reconhecer que é de nossa competência vencer os obstáculos através de um trabalho paciente e intransferível como é o do educador.

BIBLIOGRAFIA

ABERASTURY, Arminda. Adolescência normal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ALVES, Nilda. Educação e Supervisão. 6.ed. São Paulo. Cortez.

Amor e sexualidade. Caderno de informação e arte. Minas Gerais: DIART, 1995.

BIGGE, M.L e HUNT, M.P. Bases psicológicas de la educacion. México. Editorial Trilhos, 1976.

BLOS, Peter. Adolescência. São Paulo. Martins Fontes. 1985.

BRASIL criança urgente, a lei. São Paulo: Columbus, 1990.

CASTRO, Cláudio e Moura. Educação brasileira. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CHAUÍ, Marilena. Repressão sexual. 7.ed. São Paulo: Brasense, 1984.

COLL, César e PALÁCIOS, Jésus. Desenvolvimento psicológico e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade. 11.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. V.I.

FREITAS, Bárbara. Política educacional e indústria cultural. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GADOTTI, Moacir. História das idéias pedagógicas. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994.

GUIA de Orientação Sexual. 2ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

KUPFER, Maria Cristina. Freud e a educação. 3.ed. São Paulo: Scipione, 1995.

LENHARDT, Gero. A formação como mercado da escola. Revista de Ciência e de Educação. São Paulo, 1990, ano XI.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

LUZURIAGA, Lourenço. Historia da educação e da pedagogia. 18.ed. São Paulo; Companhia Editora Nacional, 1990.

OSÓRIO, Luiz Carlos. Adolescente hoje. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. História de educação no Brasil. 16.ed. Petrópolis. Vozes, 1994.

Sexo Teem. Revista ISTOÉ. São Paulo, 1995. nº 1340. p.94.

Sexo explícito na sala de aula. Nova Escola. São Paulo, novembro de 1995. ano X, nº 89 p.5.

SUPLICY, Marta et alii. Sexo se aprende na escola. São Paulo: Olho D'Água, 1995.

TEIXEIRA, Anísio Spínola. Educação e o mundo moderno. 2.ed.São Paulo: Nacional, 1977.

TIBA, Içami. Puberdade e adolescência. 4.ed. São Paulo: Ágora, 1986.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA VISÃO
DOS DOCENTES DA ESCOLA
ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS
PROF. CRISPIM COELHO.

Projeto de pesquisa apresentado pela
aluna Maria Percíncula Leite Lima,
matrícula 9313655-1 à professora
Maria Betânia de Oliveira para fins de
avaliação da disciplina Supervisão
Educativa III.

ANEXOS

PROJETO

QUESTIONÁRIO

PLANO DE CURSO

UM ENFOQUE PEDAGÓGICO PARA A
ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA.

ALBÚM-SERIADO

XEROX

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	02
JUSTIFICATIVA.....	03
OBJETIVOS.....	08
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	09
CRONOGRAMA DE ATIVIDADES.....	12
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	13

APRESENTAÇÃO

Em nosso estudo enfocamos a Orientação Sexual por constituir-se no momento o foco primordial de nossa preocupação. Pretendemos resgatar junto aos professores da 2ª fase do 1º grau da Escola Estadual de 1º e 2º Graus Professor Crispim Coelho, em Cajazeiras- PB, qual a perspectiva em trabalhar esta proposta pedagógica no contexto do ambiente escolar, uma vez que, este é, do nosso ponto de vista, um espaço privilegiado, por apresentar um clima favorável, a uma reflexão acerca desta problemática.

A nossa escolha em trabalhar a segunda fase do 1º grau se deve ao fato de ser nesta fase onde se encontra os alunos da faixa etária entre 11 e 16 anos, idade esta, que compreende o período da adolescência, onde o jovem passa por uma fase crítica de transição cuja problemática crucial é a busca de uma identidade, uma vez que, já não pode ocupar o lugar de criança ao tempo em que, não lhe é possível assumir responsabilidades do mundo adulto. Em suma, é a busca de uma nova identidade que o adolescente almeja através da qual, lhe será possível uma inserção na sociedade, desta vez, desempenhando novos papéis.

Esta busca da identidade está atrelada a sexualidade, as mudanças que ocorrem, a nível do corpo, vão repercutir significativamente na imagem do indivíduo, como também, no próprio desenvolvimento interior da sexualidade adolescente, esta exerce um papel fundamental no desempenho das potencialidades do jovem. Quer dizer, as experiências que são vivenciadas nesta etapa da vida, têm relação direta com a maneira do jovem lidar com sua sexualidade. Nesta perspectiva, a Orientação Sexual na escola vai proporcionar subsídios ao adolescente que o ajudarão suportar as adversidades que são peculiares a esta fase do desenvolvimento humano.

JUSTIFICATIVA

No decorrer do nosso curso constatamos, a partir de leituras, que a educação existe como componente fundamental da cultura, da ciência, da arte e da literatura. A história nos mostra que a educação vem acompanhando o desenvolvimento dos povos, pois é um processo usado pelas sociedades para o desenvolvimento das idéias de acordo com as concepções sociais e culturais de cada momento histórico. Segundo Dewey (1978) "a educação é um fenômeno social, pelo qual a geração adulta transmite à geração nova, conquistas de sua civilização". Portanto o processo educativo é esse fenômeno que tem percorrido as várias etapas humanísticas no seio das sociedades, transmitindo a cultura, reorganizando, reconstruindo e transformando a vida continuamente. Isso porque, a educação é também um componente fundamental da família, por ser um elemento essencial e permanente da vida individual e social do ser humano, que se dá pela transferência de saber na convivência. É uma influência de um ser sobre outro, com a finalidade de transmitir, conservar e formar hábitos individuais e coletivos. É uma realização contínua a qual proporciona ao indivíduo a compreensão dos direitos e deveres a medida que desenvolve a personalidade humana integralmente.

Nesta perspectiva, educar é muito mais que instruir, pois coloca o indivíduo em condições de perceber as mudanças, de inventar novos comportamentos, porque este processo perdura por toda a vida. O indivíduo passa a compreender o fenômeno da formação do homem e sua integração, não só no meio sócio-cultural, mas, em todos os seus aspectos, entre eles, o da sexualidade. Desse modo, a educação sexual (a que recebemos de nossos pais, familiares, meio social etc.), mesmo que não se perceba, é também um processo, porque está implícito em cada um de nós, desde o nascimento até a morte. É a educação sexual que nos permite incorporar valores, símbolos, preconceitos e ideologias em diversas fases de nossa vida, decorrência das influências que recebemos.

As primeiras influências que a criança recebe são dos pais, suas atitudes vão fornecer os primeiros elementos influenciadores na sua formação sexual. Estas mesmas atitudes é que vão internalizar na criança uma visão liberal ou rígida da sexualidade, bem como, idéias, conceitos e valores. A função educativa começa na gravidez quando os pais escolhem ou conversam sobre o sexo da criança. Esta escolha segundo os teóricos (HALL, 1989; ORTH, 1986; SUPLICY, 1995) é muito importante e vai repercutir, também, na formação da personalidade da criança.

O primeiro passo para a educação sexual é fazer com que a criança aceite o seu sexo e sua condição sexual. Como a sexualidade começa a ser construída na infância, desde os primeiros dias do bebê, cabe aos pais esta tarefa delicada e profunda, visto ser estes que vivem, afetuosamente, com a criança produzindo um clima ideal para o desenvolvimento de sua personalidade. Esse comportamento dos pais para com os filhos deixa muito a desejar, principalmente quando os pais não estão preparados para compreender as manifestações sexuais mais evidentes em seus filhos. A sexualidade pode ser compreendida a partir de uma combinação de fatores, tanto fisiológico quanto psicológico, que influenciam decisivamente no comportamento humano. Entretanto, apesar desses valores, aparecem lacunas provenientes da falta de conhecimento do funcionamento do próprio organismo. Também o preconceito, muito presente na nossa cultura, que se revela pela dicotomia *menino x menina* onde o menino é incentivado a assumir sua sexualidade de modo ativo e precoce, ao passo que, as meninas são levadas a retardar o início da vivência da sua sexualidade.

São lacunas como estas, que a Orientação Sexual sistematizada se propõe preencher, através de uma proposta pedagógica com objetivos específicos, a ser desenvolvida na escola, visando fornecer as informações necessárias sobre sexualidade, no sentido de ajudar a juventude nos seus questionamentos sobre postura, tabus, crenças e valores.

Com esta finalidade, a Orientação Sexual enfoca as dimensões fisiológicas, sociológicas, psicológicas e espirituais da

sexualidade, através do desenvolvimento das áreas cognitivas, afetiva e comportamental do indivíduo, para que a partir dessas reflexões o mesmo se sinta preparado para uma tomada de decisão responsável quanto a sua vivência sexual.

Barcelos afirma que a energia sexual está ligada a todo princípio de vida carecendo de conhecimento para administrá-la com responsabilidade, e Gadotti se refere a educação como o ponto principal de reflexão de quantos têm se preocupado com ela. Portanto, entendemos ser a Orientação Sexual esta proposta capaz de proporcionar ao adolescente o conhecimento necessário a uma reflexão acerca do comportamento e da postura que deve ter da sexualidade. E como é a escola um ambiente propício a uma vasta movimentação de idéias e de propostas, deve também desenvolver programas de Orientação Sexual visando torná-los mais adequados aos novos tempos e as novas realidades. A escola dispõe das condições propícias para ajudar o jovem a formar sua identidade através de uma ampla discussão acerca dos problemas relacionados à sexualidade, contribuindo assim, para o desenvolvimento do pensamento e capacidade crítica do aluno, afim de que, o mesmo não venha aceitar ou rejeitar valores sem antes analisá-los.

Consideramos ainda, que a Orientação Sexual deve ser desenvolvida na escola, esta tem por função a transmissão do saber, devendo revelar ao indivíduo as informações necessárias para esclarecê-lo sobre as razões pelas quais a adolescência se caracteriza por um período conflitante. É importante lembrar, que é na escola "onde a sexualidade se manifesta como um dos maiores interesses dos alunos" (SUPLICY, 1995), não podendo portanto, se furtar a assumir sua responsabilidade no tocante a esta problemática.

Assim a Orientação Sexual se faz necessária, pois, já não é mais possível escamotear do jovem a questão da sexualidade, que nos últimos anos ganhou mais destaque devido a propagação da AIDS, sendo abordada frequentemente pelas campanhas de prevenção. Entretanto, é preciso atentar para o aspecto biologizante de tais campanhas. Estas, não devem ser desprezadas, mas utilizadas para estimular um amplo e enriquecedor debate

sobre valores e atitudes relativos a sexualidade e suas implicações sociais, oportunizando aos jovens a escolha de seus próprios valores. Por esta razão, a Orientação Sexual sistematizada a partir do conhecimento do próprio corpo, estrutura e funcionamento, desde sua formação, crescimento, até as fases de maturação dos órgãos sexuais, vai preencher as lacunas deixadas pela educação sexual recebida na família, proporcionando à criança e ao adolescente uma visão mais ampla, profunda e diversificada acerca da sexualidade.

Entendemos que por esta via torna-se possível uma melhor compreensão do que seja a sexualidade e suas implicações na adolescência, pois esta é a etapa da existência humana que compreende a faixa dos 12 aos 21 anos (esta faixa não é estática para todos os pesquisadores, variando de acordo com as condições ambientais onde é realizada a pesquisa), considerado por Eriksson como uma "*moratória social*", no sentido de que, é a fase onde o jovem espera para exercer os papéis adultos, poder-se-ia dizer, o "*estágio probatório*" da adultez. Portanto, a adolescência se caracteriza por transformações acentuadas do comportamento, ocasionadas pela maturação dos órgãos, estes provocam as mudanças físicas a nível do corpo, ao mesmo tempo, que causam um impacto psicológico no adolescente, isto porque, tal amadurecimento se dá de forma lenta, numa fase em que, o indivíduo está mais atento ao próprio corpo, comparando as alterações que acontecem com ele em relação as outras pessoas de sua idade e da idade adulta, avaliando as suas emoções frente a essas mudanças.

Diante desses acontecimentos, o jovem terá que organizar-se psiquicamente para lidar com as mudanças hormonais que vão acontecendo. A adolescência, portanto, é o período em que se dá a recapitulação da infância onde o indivíduo já tinha experiência formada. Entre o apego à família e ao grupo de amigos, muda-se os valores, hábitos, estilo de vida, provocando no jovem uma inquietação decorrente de sua condição existencial provocada por elementos do futuro que terão de ser construídos, como o equilíbrio durante essa fase de "desconstrução" e "construção" da identidade pessoal.

“Os comportamentos de transição para a vida adulta, e não apenas os componentes sexuais apresentam aspectos problemáticos para a própria identidade, mas talvez, ainda mais para suas relações, em particular com os adultos”. (Coll, 1995).

Em razão disto, entendemos ser a escola um contexto de grande relevância na vida do indivíduo, devendo valer-se de sua influência para trabalhar as questões inerentes à sexualidade primordiais nessa fase da vida. Nesta perspectiva, as questões da sexualidade devem ser abordadas de forma ampla, cabendo aos educadores encontrarem uma forma de focar a Orientação Sexual levando em consideração as preferências e conhecimentos dos jovens.

OBJETIVOS

Objetivo geral.

O nosso objetivo de estudo é procurar saber como os professores da Escola Estadual de 1º e 2º Graus Professor Crispim Coelho - Cajazeiras - PB, trabalham a questão da Orientação Sexual na 2ª fase do 1º grau.

Objetivos específicos.

Buscaremos ver como a referida escola tem abordado esta temática junto aos alunos, uma vez que é função desta, enquanto instituição viabilizar a formação global do ser.

É nosso intuito saber se há na referida escola uma intervenção pedagógica, no sentido de favorecer uma reflexão mediante a problemática da sexualidade.

Caso a Orientação Sexual já seja trabalhada na escola, investigaremos como são transmitidas as informações acerca da sexualidade.

Dentro da nossa habilitação, Supervisão Educacional, tencionamos ver a possibilidade de trabalhar o planejamento educacional no sentido de inserir no currículo da Escola Estadual de 1º e 2º Graus Professor Crispim Coelho, programas de Orientação Sexual.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente iremos fazer um levantamento que nos subsidie teoricamente acerca do objeto de estudo - Orientação Sexual.

A pesquisa será realizada na Escola de 1º e 2º Graus Professor Crispim Coelho, situada à Av. Pedro Gondim, s/n, em Cajazeiras - PB, a qual atende 900 alunos (matriculados em 1995) nos três turnos. Os professores que atuam nesta escola estão assim distribuídos:

Nº de professores - 45

Diretor - 01

Diretor adjunto - 02

Funcionários - 27

Pessoal de apoio - 12

A população de nosso estudo será constituída de professores da 2ª fase do 1º grau que atuam em sala de aula, no turno da tarde (18 professores), como também, aqueles profissionais que exercem cargos administrativos tais como: Diretor, Diretor adjunto etc.

Para obtermos informações acerca do nosso objeto de estudo (Orientação Sexual) utilizaremos a técnica da entrevista semi-estruturada para averiguarmos a opinião dos docentes da Escola de 1º e 2º Graus Professor Crispim Coelho quanto a Orientação Sexual, como refletem a necessidade de aprofundar os conhecimentos acerca da sexualidade, qual o papel a desempenhar frente a proposta da Orientação Sexual.

A técnica da entrevista semi-estruturada será utilizada por entendermos que este instrumento é adequado em razão da relevância que pretendemos dar ao aspecto qualitativo dos dados colhidos.

Ainda com relação a entrevista, será utilizado um roteiro de questionário (que será elaborado posteriormente) para melhor condição do levantamento dos dados. A priori, as entrevistas serão realizadas com uso de gravador.

De posse da opinião dos professores, procederemos num primeiro momento, a análise quantitativa dos profissionais que trabalham com essa temática. No segundo momento, realizaremos a análise qualitativa dos dados colhidos nas entrevistas, para avaliarmos o grau de relevância desta temática junto aos docentes que compõem nossa população alvo.

Por fim, nos deteremos na elaboração do relatório final que apresentará, a priori, a seguinte estrutura:

- SUMÁRIO.
- APRESENTAÇÃO.
- JUSTIFICATIVA.
- INTRODUÇÃO.
- CAPÍTULO I - A adolescência e a sexualidade:perspectivas teóricas.
- CAPÍTULO II - A adolescência e os aspectos conflituais imanentes da sexualidade.
- CAPÍTULO III - Orientação Sexual nas escolas: qual a sua pertinência.
- CAPÍTULO IV - Análise dos dados.

-CAPÍTULO V - Orientação Sexual: uma proposta de
intervenção.

-BIBLIOGRAFIA.

- ANEXOS.

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

ETAPAS DE OPERACIONALIZAÇÃO.		1	9	9	6	
	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
ESTUDO BIBLIOGRÁFICO.	X	X	X	X	X	
LEVANTAMENTO DE DADOS ACERCA DA ESCOLA.			X			
ELABORAÇÃO DO ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO A SER UTILIZADO NAS ENTREVISTAS			X			
REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS.			X			
ANÁLISE DOS DADOS.				X		
RELATÓRIO FINAL.				X	X	X

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROSO, Carmem e BRUSCHINI, Cristina. Sexo e Juventude. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- CHAUÍ, Marilena. Repressão Sexual. Essa nossa conhecida. 7 ed. São Paulo: Braziliense, 1984.
- COLL, César; Palácios e Jésus. Desenvolvimento psicológico e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- DEBESSE, Maurice. Como estudar os adolescentes. 4 ed. Buenos Aires: Editora Nova, 1973.
- DEWEY, John. Vida e educação. 10 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- GADOTTI, Moacir. Educação e compromisso. 4 ed. Campinas-SP: Papiros, 1992.
- HALL, Calvin Springer. Teorias da personalidade. 18 ed. São Paulo: Epu, 1984.
- LUZURIANGA, Lorenzo. História da educação e da Pedagogia. 18 ed. São Paulo: Nacional, 1990.
- NETTO, Samuel Pfrom. Psicologia da adolescência. 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1977.
- ORTH, Edgar. Educação Sexual. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- PIAGET, Jean. et alli. A psicologia da criança. 3 ed. São Paulo: Diff, 1974.

RUBIN, Isadore. et alli. Sexo e adolescência. Novas orientações para a juventude. São Paulo: Cultrix, 1968.

SILVA, Yeda Roesch. Puberdade: situação existencial. 2 ed. São Paulo: Livraria do globo, 1972.

SUPLICY, Marta. Conversando sobre sexo. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____ et alli. Sexo se aprende na escola. São Paulo: Olho D'água, 1995.

TIBA, Içami. Sexo e adolescência. 6 ed. São Paulo: Ática, 1992.

QUESTIONÁRIO

1) Qual seu tempo de atuação no magistério?

2) Que disciplina(s) leciona?

3) Qual a faixa etária dos alunos com que trabalha?

4) Os alunos com os quais trabalha, têm manifestado algum interesse, no que tange as questões de ordem sexual?

() SIM () NÃO

5) Em caso positivo, que questões de ordem sexual foram suscitadas na sala de aula?

6) Qual foi sua postura ao se deparar com estas questões?

7) No seu entender a escola é um espaço adequado para tratar das questões inerentes à sexualidade?

() SIM () NÃO

8) Justifique sua resposta.

9) Você se sente preparado(a) para abordar o tema da sexualidade com seus alunos?

10) Justifique sua resposta.

11) Enumere os principais problemas que, do seu ponto de vista, dificultam tratar das questões inerentes à sexualidade em sala de aula.

12) Quais as informações que lhe faltam para subsidiar um debate com seus alunos sobre a sexualidade.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA.
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES-CAMPUS V.
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO.
CURSO: UM ENFOQUE PEDAGÓGICO PARA A ORIENTAÇÃO
SEXUAL NA ESCOLA-CARGA HORÁRIA: 16h.
MINISTRANTE: Maria Percíncula Leite Lima

PLANO DE CURSO.

I- Objetivos.

1.1-Objetivo geral.

Fornecer elementos para subsidiar uma reflexão sobre a Orientação Sexual nas escolas, através de uma intervenção pedagógica sistematizada, com a finalidade de propiciar uma visão ampla e mais profunda sobre a sexualidade humana.

1.2-Objetivos específicos.

- Fornecer elementos para subsidiar aos professores do 1º grau uma reflexão a cerca das questões relacionadas à sexualidade.
- Caracterizar as mudanças físicas ocorridas na adolescência e suas conseqüências psíquicas.
- Refletir sobre o papel no que se refere a Orientação Sexual.
- Discutir alguns temas relacionados com a sexualidade tais como: masturbação, gravidez precoce, etc.
- Analisar mediante uma discussão qual a possibilidade de se implantar a Orientação Sexual nas escolas.

II-Conteúdo Programático.

Unidade-1. Anatomia e Fisiologia.

1.1-Nosso corpo.

1.2-Anatomia e fisiologia reprodutiva.

1.2.1-Órgãos sexuais masculinos.

1.2.2-Órgãos sexuais femininos.

Unidade-2. As mudanças físicas da puberdade.

1.1-Adolescência.

Unidade-3. A sexualidade e o papel da escola.

Unidade-4. Principais temas ligados a adolescência.

4.1-Masturbação.

4.2-Ejaculação.

4.3-Orgasmo feminino e masculino.

4.4-Menstruação.

4.5-Gravidez precoce.

4.6-Aborto.

4.7-Métodos contraceptivos.

4.8-Homossexualismo.

4.9-DST.

4.10-AIDS.

III-Referências Bibliográficas.

ABERASTURY, Arminda. Adolescência normal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

Atlas de conhecimentos sexuais. Editora Rideel.

BARROSO, Carmem e BRUSCHINI, Cristina. Sexo e juventude. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1991.

BLOSS, Peter. Adolescência. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1985.

CHAUI, Marilena. Repressão Sexual. 7 ed. São Paulo. Brasiliense, 1984.

COLL, César e Palácios, Jésus. Desenvolvimento psicológico e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

DANGELO, José Geraldo e FATTINI, Carlos Américo. Anatomia humana básica. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1988.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.v.I.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

GUYTON, Arthur C. Fisiologia humana e mecanismos das doenças. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1992.

_____. Fisiologia humana. 6 ed. Rio de Janeiro. Editora Guanabara Koogan S.A, 1988.

Guia de Orientação Sexual. GTPOS. São Paulo: Casa do

Psicólogo, 1994.

KUPFER, Maria Cristina. Feud e a educação. 3 ed. São Paulo: Scipione, 1995.

Normas e Manuais Técnicos. Assistência ao planejamento familiar. Ministério da Saúde. Brasília: 1988.

ORTH, Edgar. Educação Sexual da Criança. 11 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

Planejamento Familiar: um direito humano básico. BEMFAM. Rio de Janeiro: 1993.

SUPLICY, Marta et alii. Sexo se aprende na escola. São Paulo: Olho D'Água, 1995.

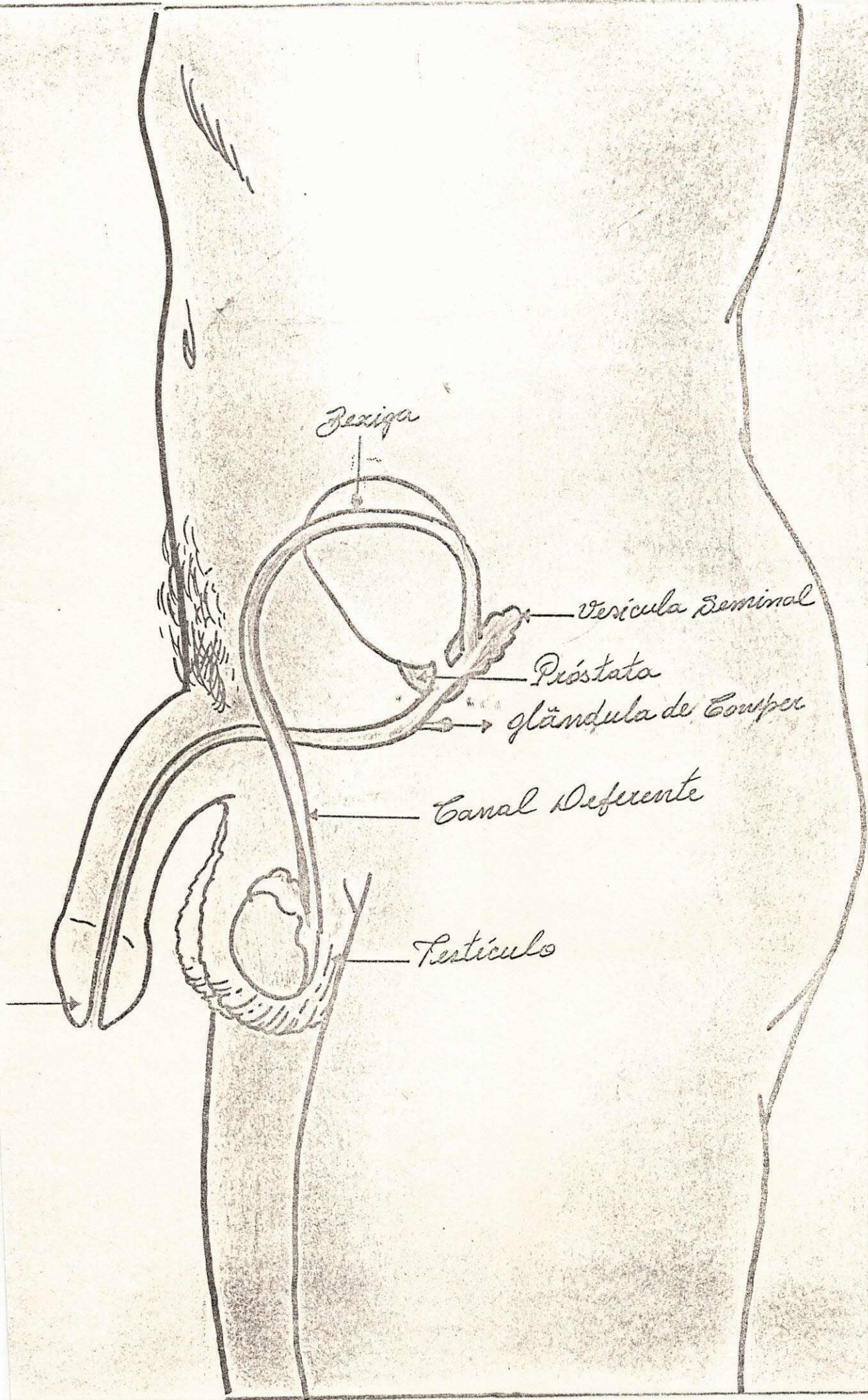
TIBA, Içami. Puberdade e adolescência. 4 ed. São Paulo: Ágora, 1986.

VAN DE GRAAFF, Kent Marshal. Anatomia e fisiologia humana. São Paulo: McGraw-Hill e Makron, 1991.

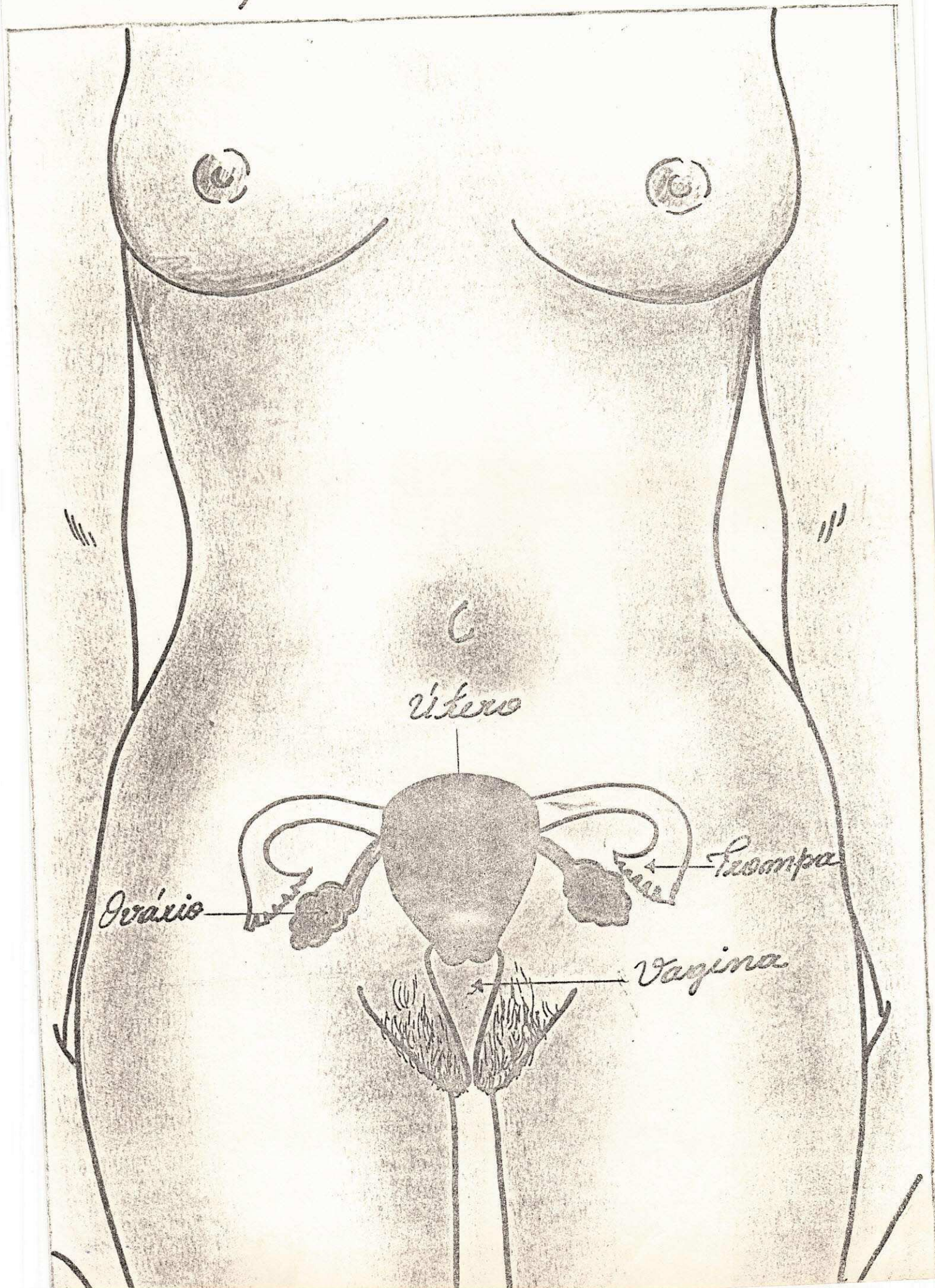
VASCONCELOS, José Luiz Faria. Programas de saúde segundo grau. 4 ed. São Paulo: Ática, 1983.

REFLEXÃO.

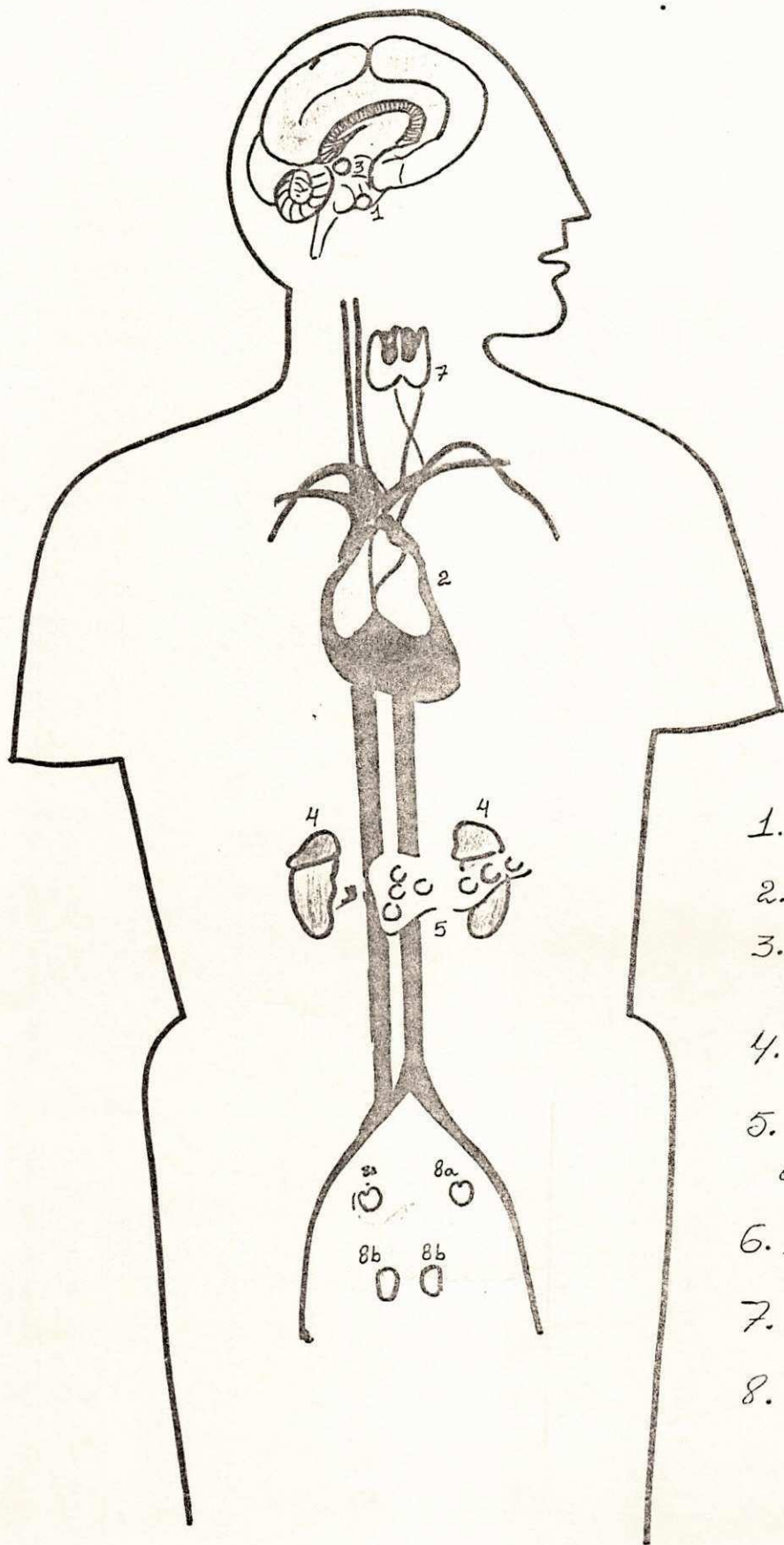
Com base no que já foi discutido até aqui; como você analisa a proposta pedagógica da Orientação Sexual nas escolas.



9 Corpo da Mulher

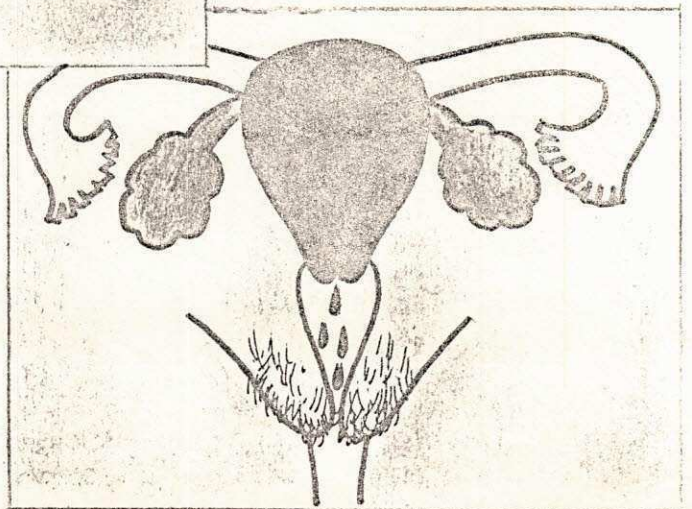
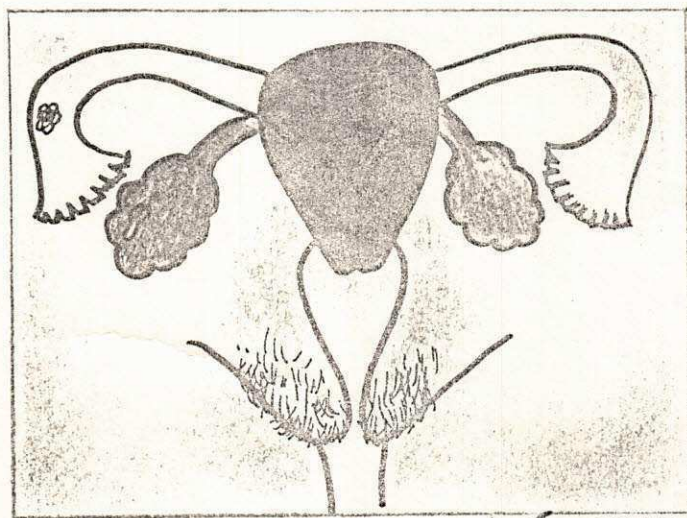
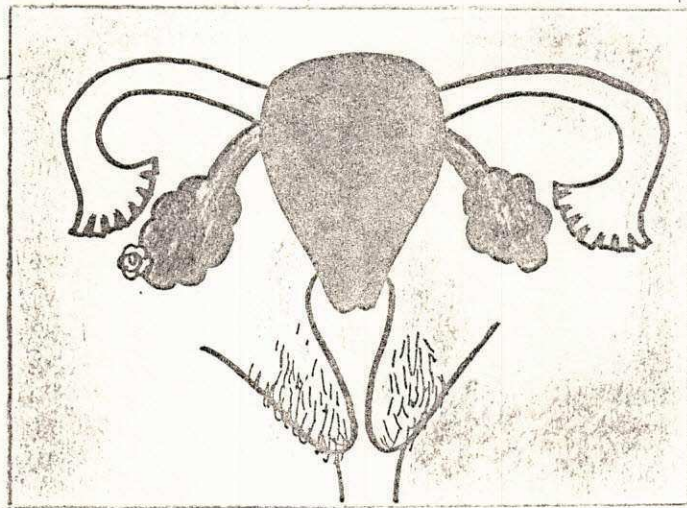
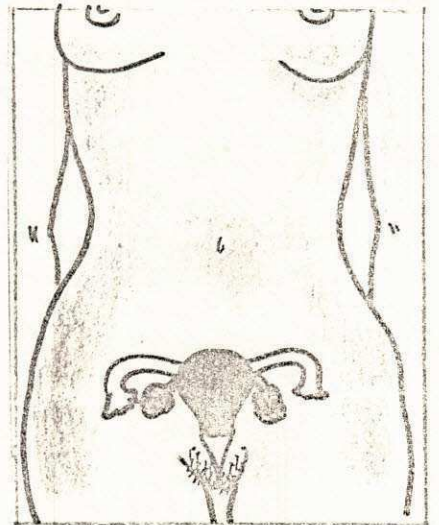
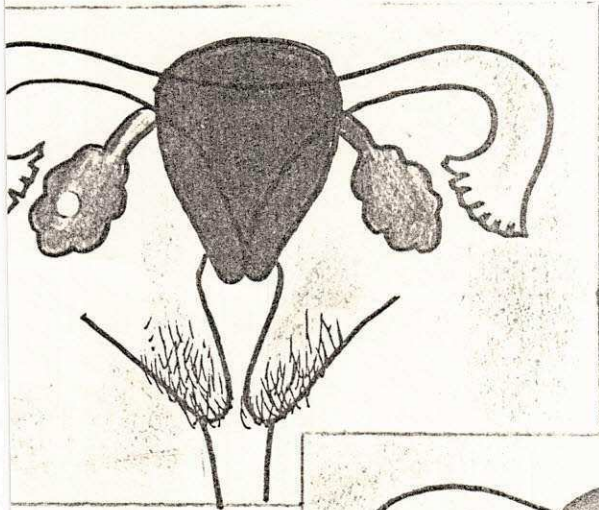


Glândulas

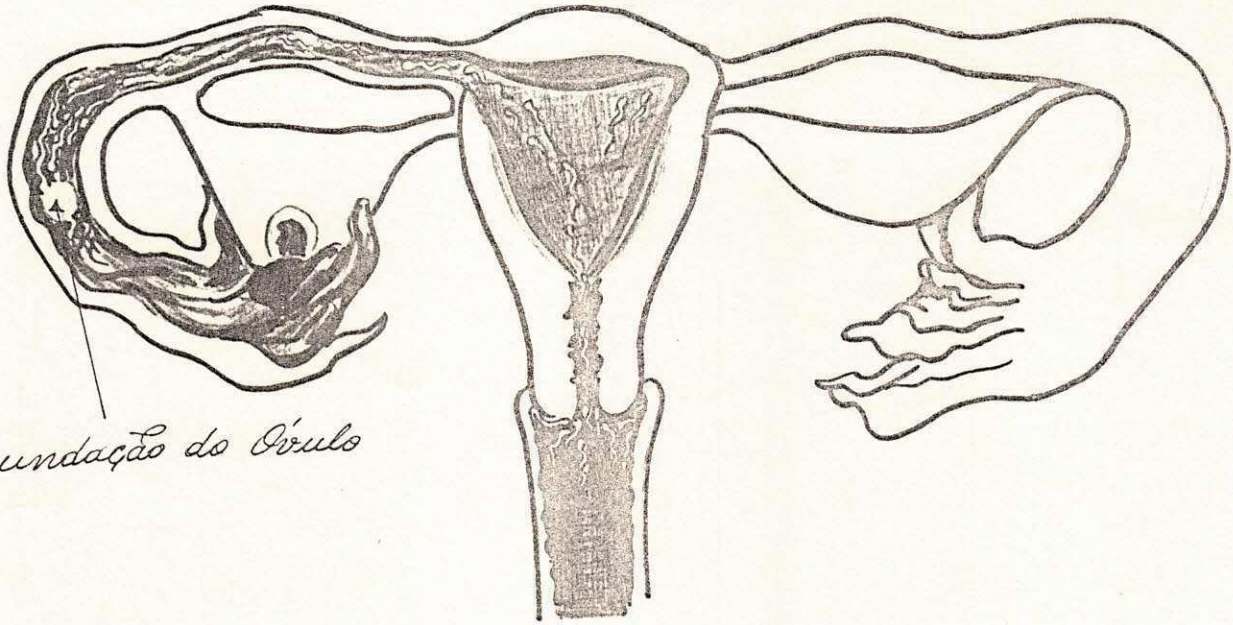


1. Hipofize ou pituităria
2. Timo
3. Epifize ou glândula pineal
4. Supra-renalais
5. Pâncreas - Ihotas de Langerhans
6. Para-tireoïdes
7. Tireoïde
8. Gônadas
a) Ovărios
b) Testiculos

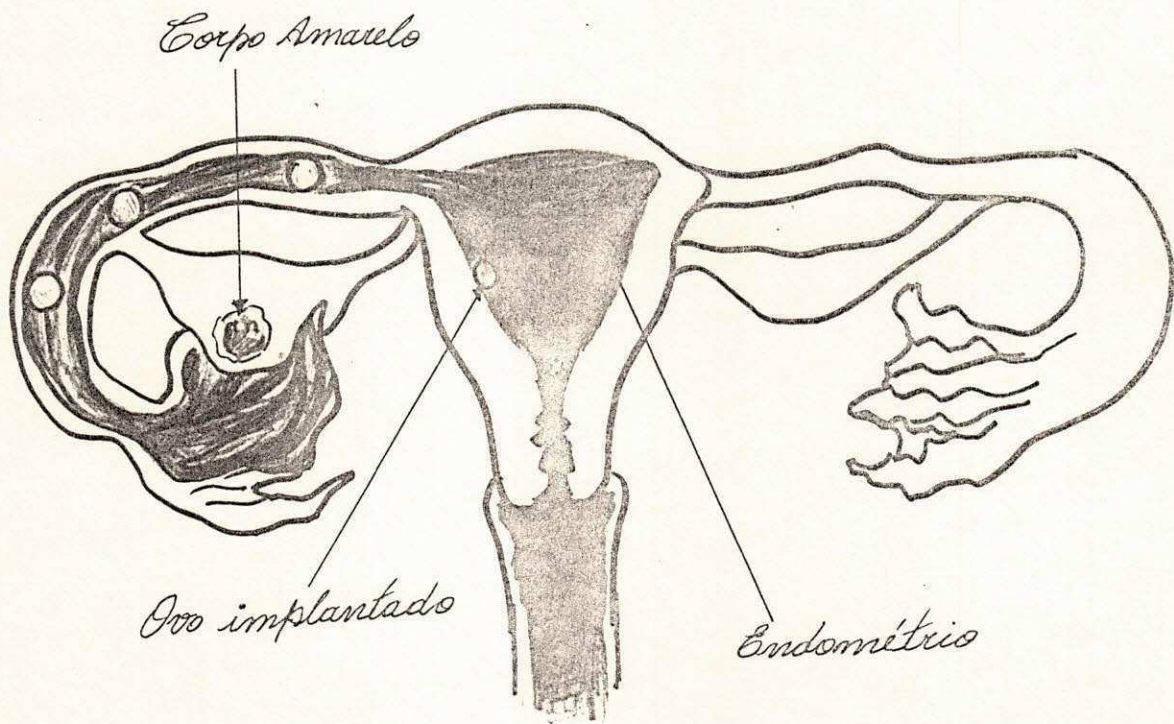
A Ovulação



Fecundação



Fecundação do Ovulo

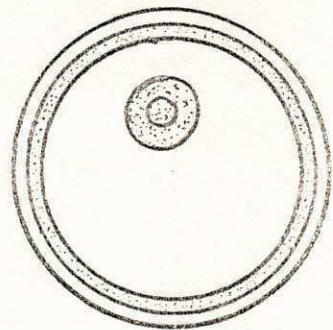
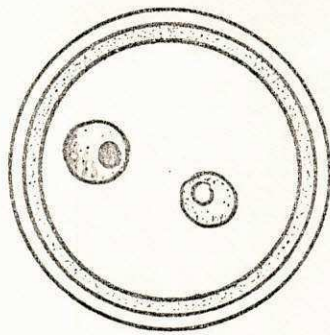
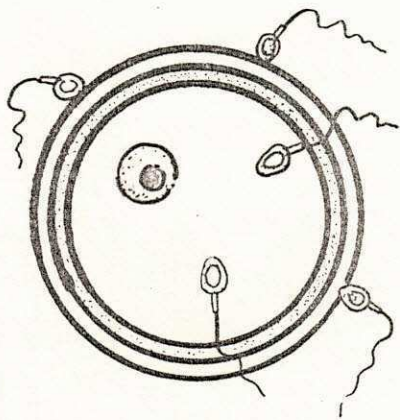


Corpo Amarelo

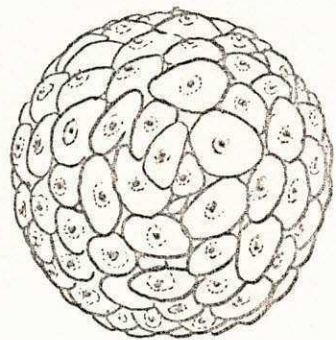
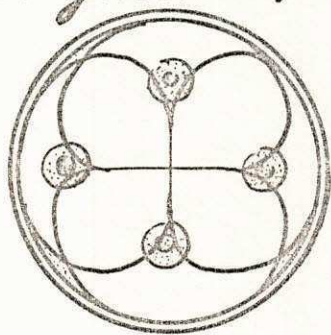
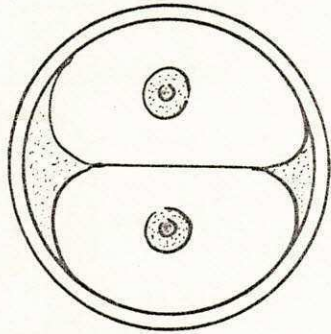
Ovo implantado

Endométrio

Nidação

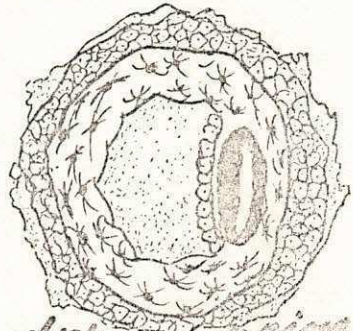
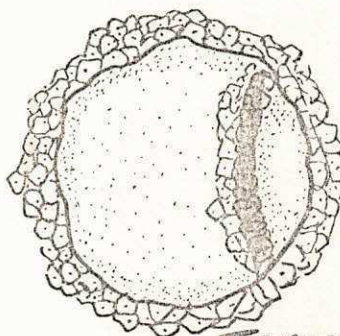
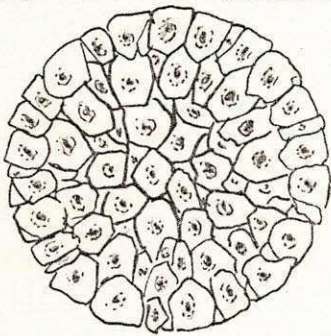


segmentação

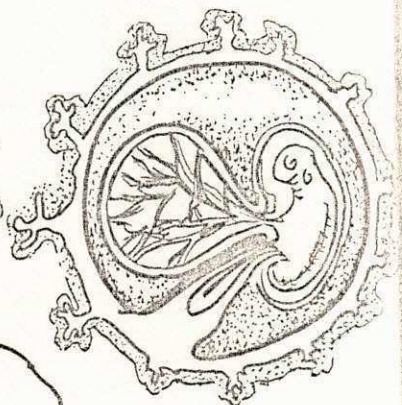
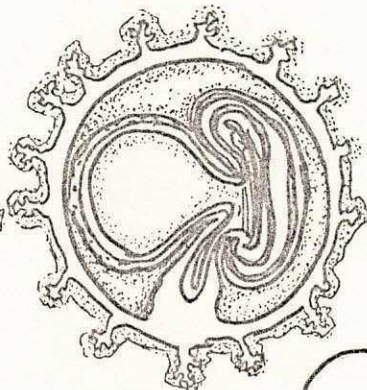
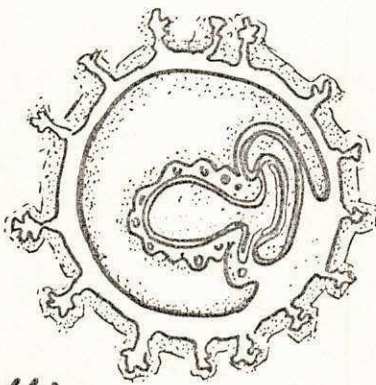
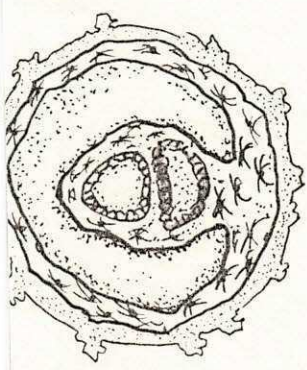


Fase bicelular

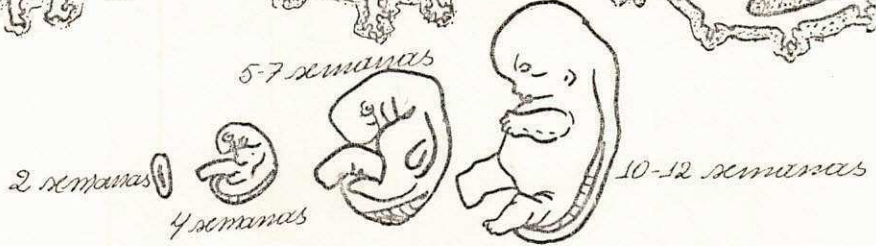
Fase de morula



Formação dos primeiros Tecidos



Saco amniótico



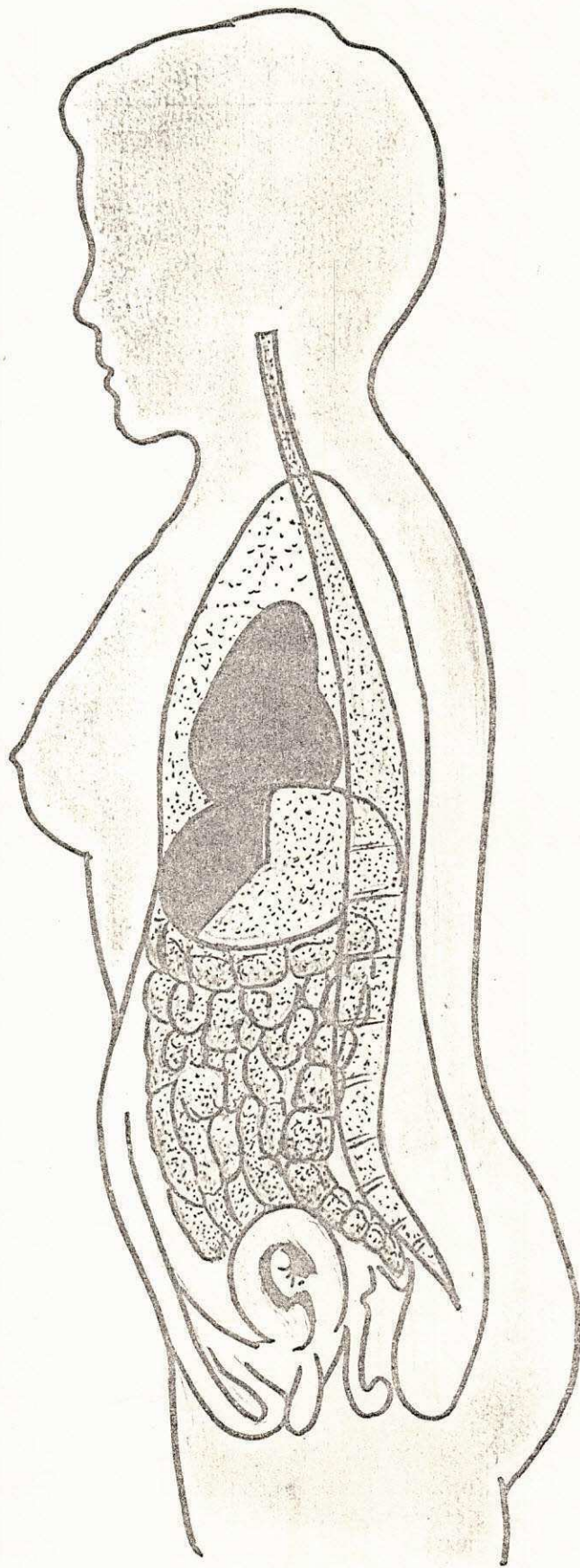
2 semanas

4 semanas

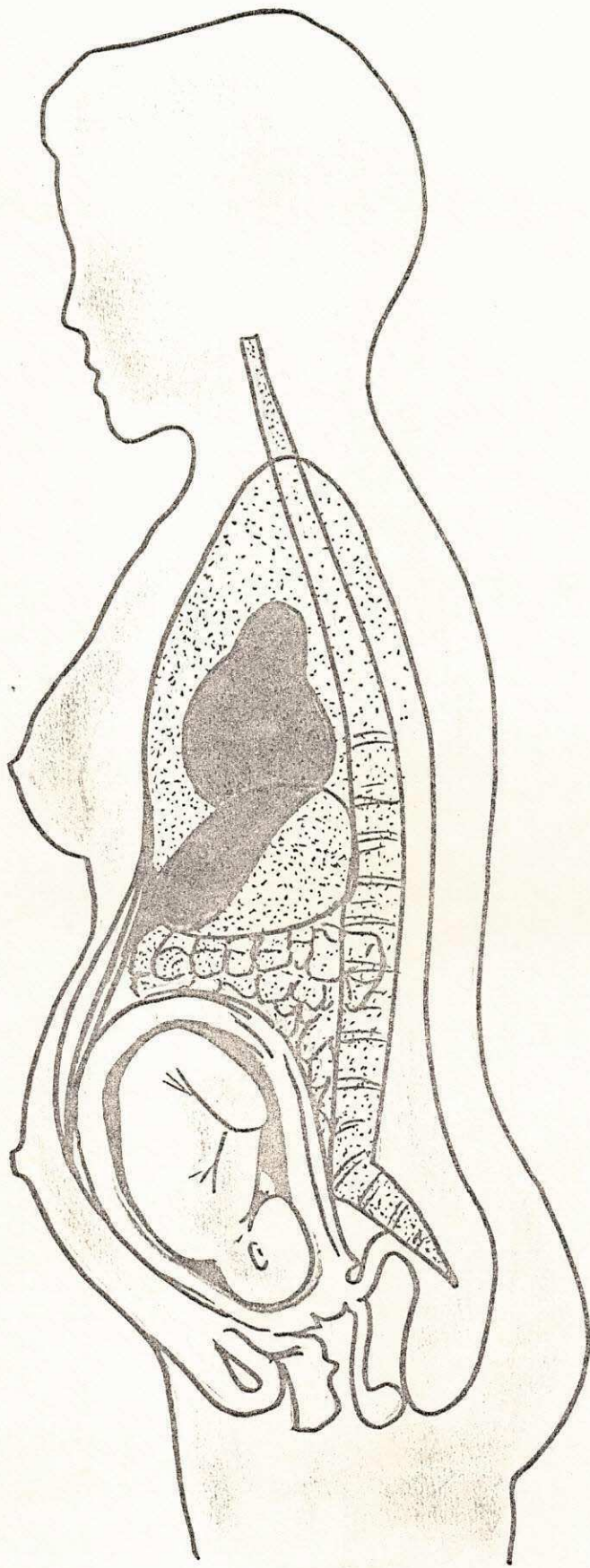
5-7 semanas

10-12 semanas

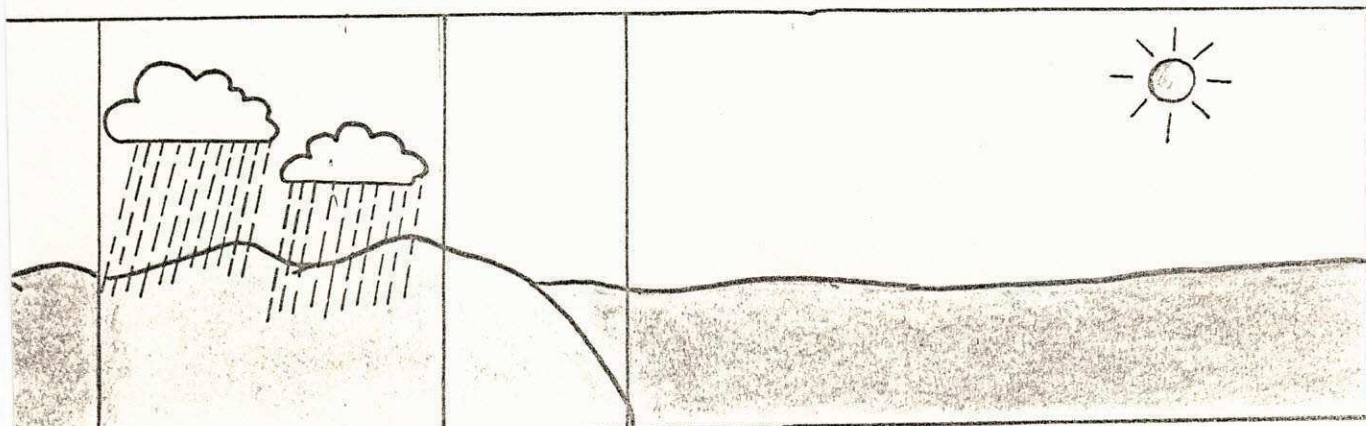
3^o Mês de Gravidez



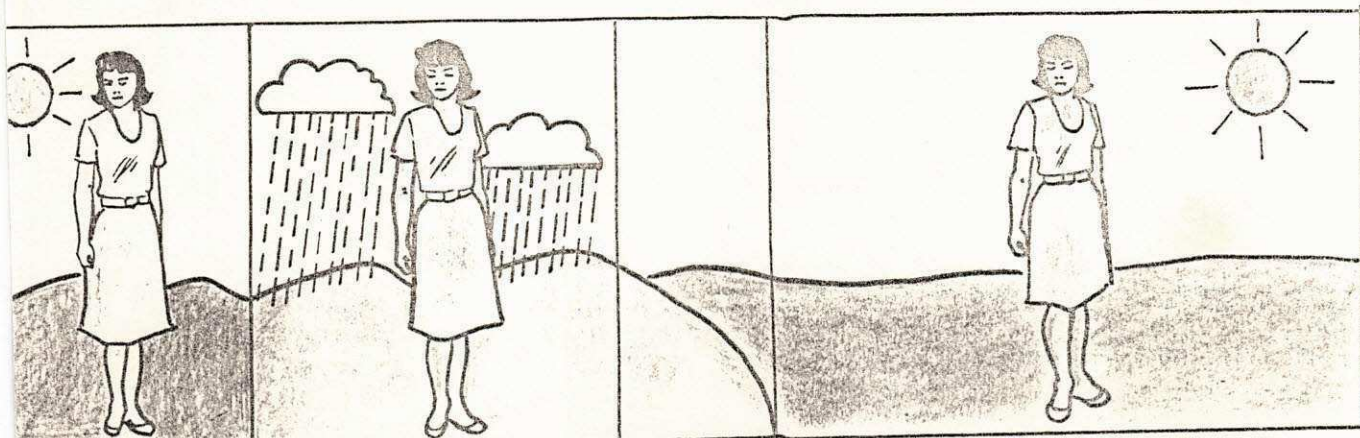
9º Mês de Gravidez



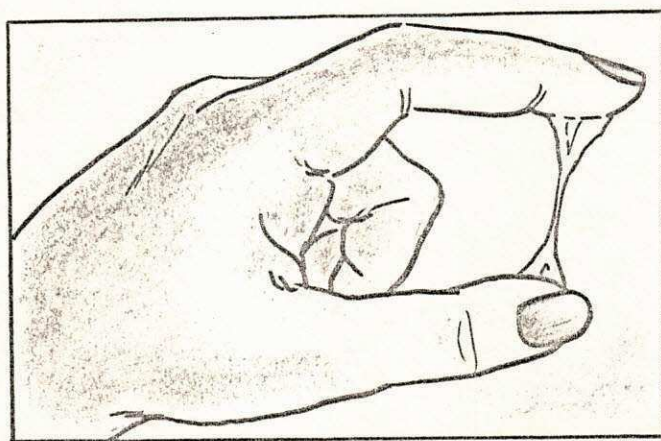
itodo da Ovulação



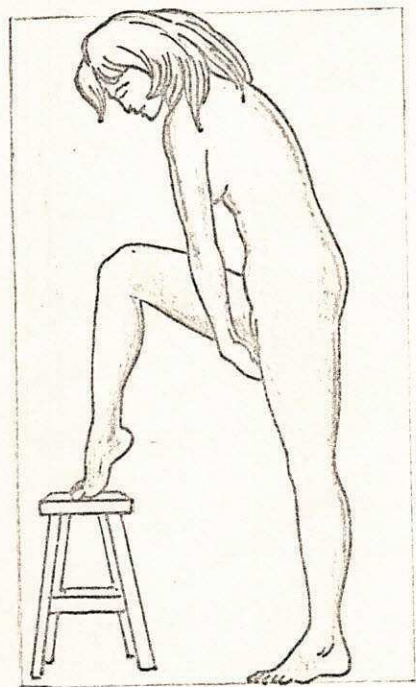
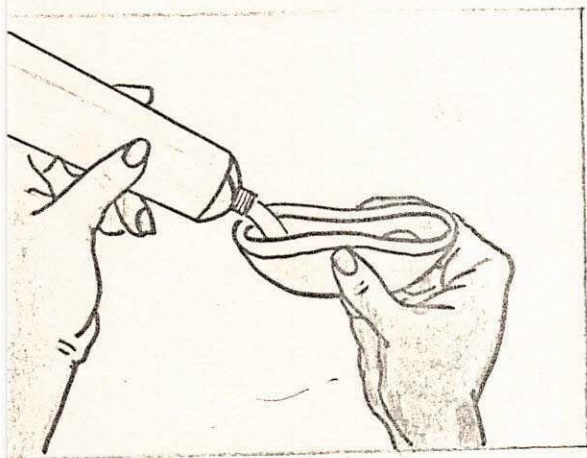
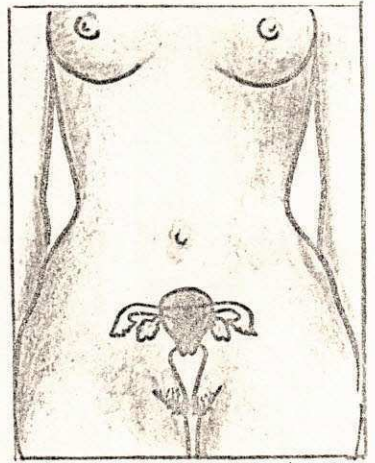
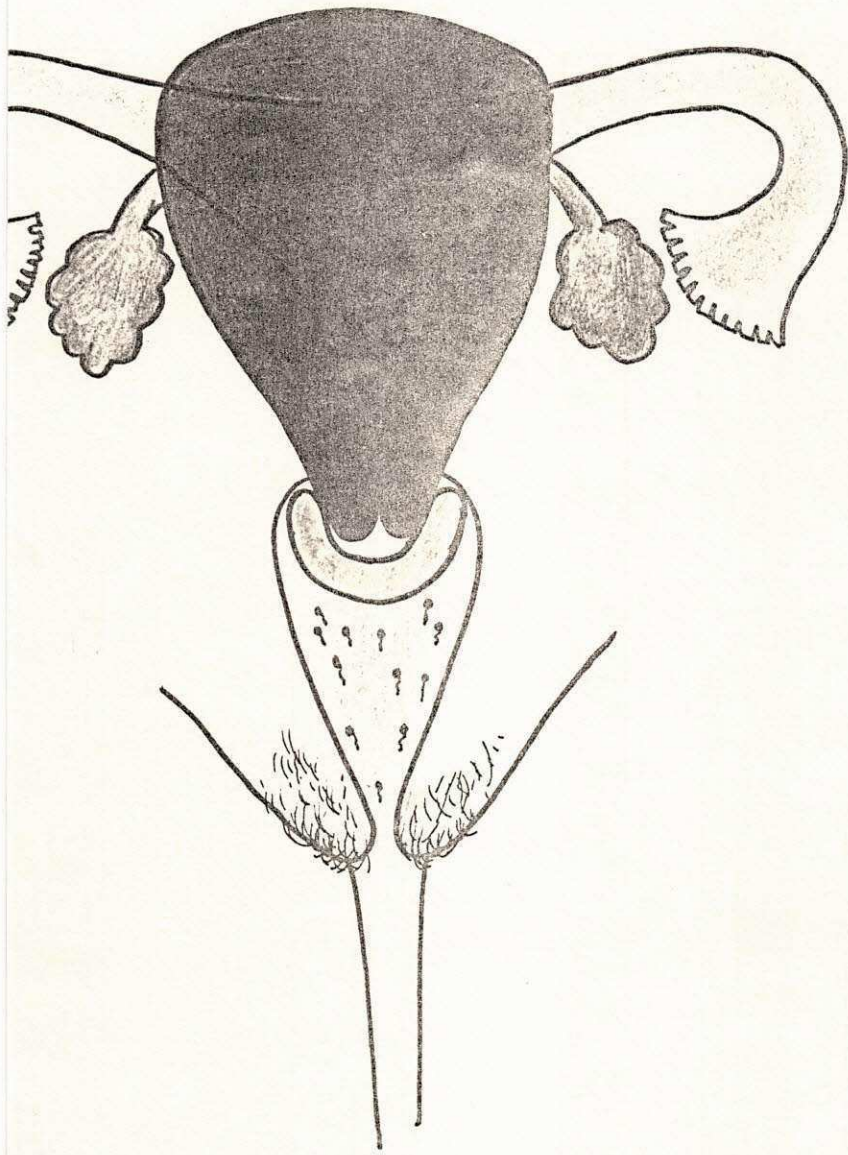
as
 1 Período das águas Umido, fértil
 Começo das secas Fértil
 Período das secas Infértil



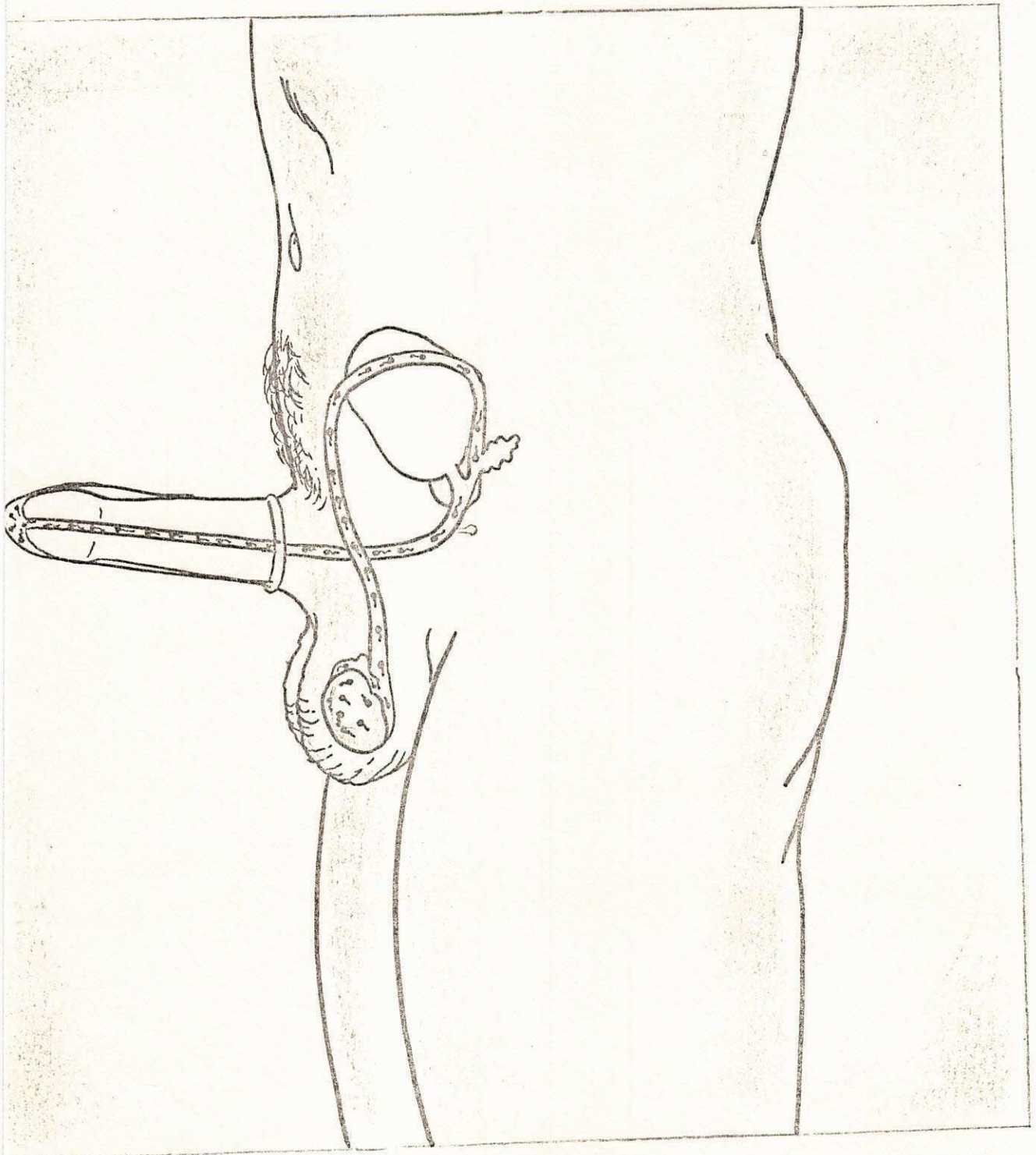
2 Período das secas Infértil
 Período das águas Umido, fértil
 Começo das secas Fértil
 Período das secas Infértil



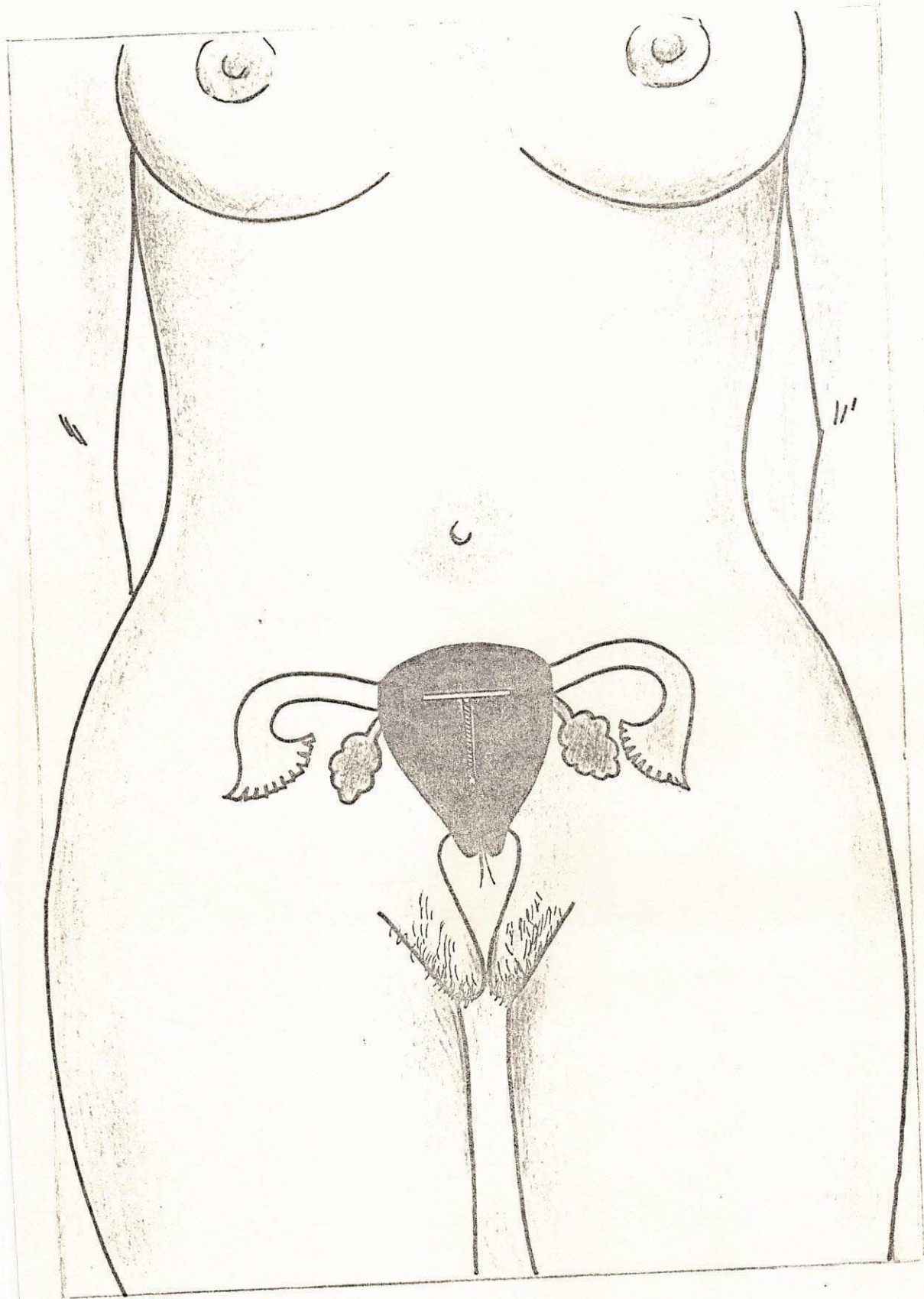
Diaphragm



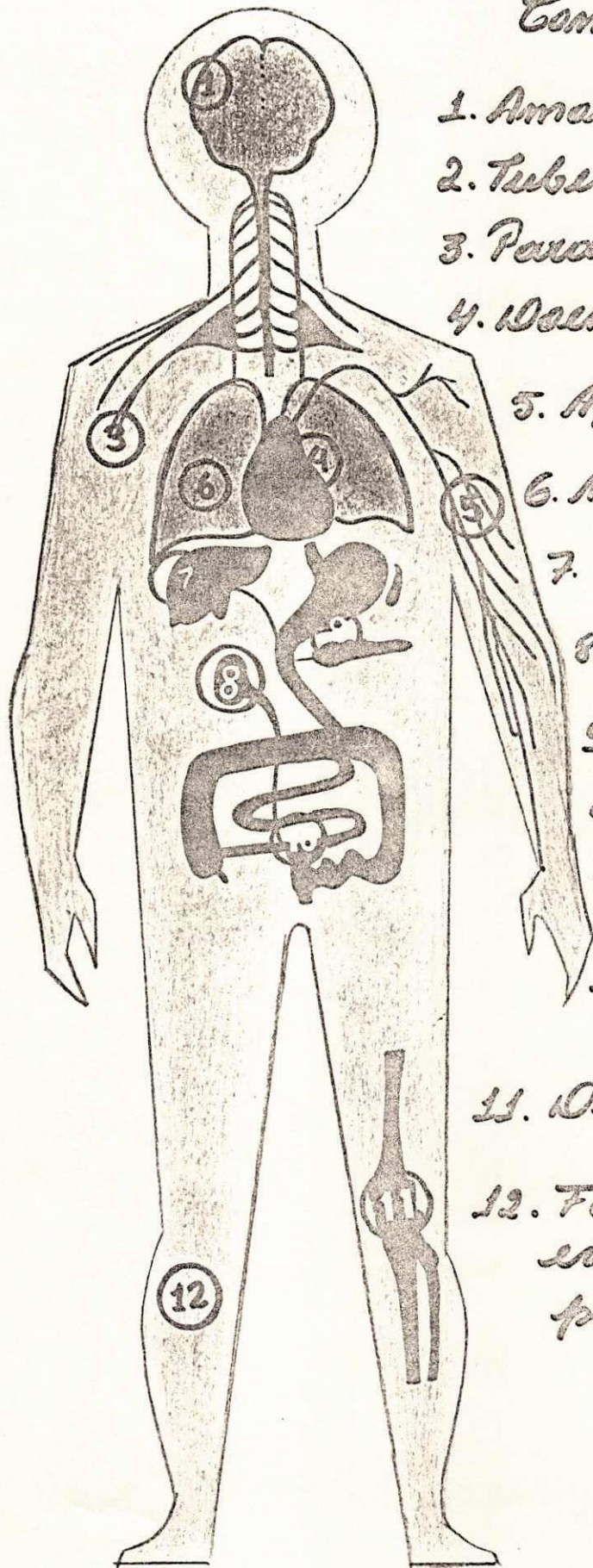
Camisinha



1911



is

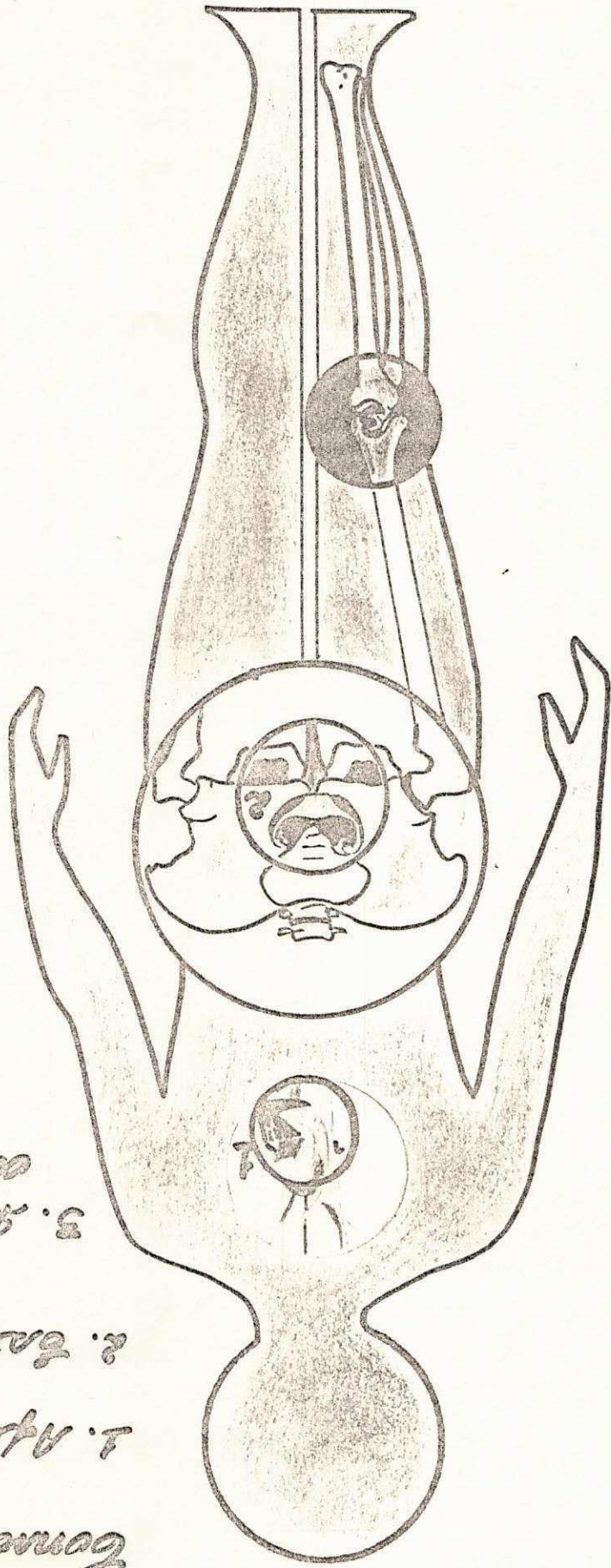


Consequências remotas

1. Amolecimento do cérebro
2. Tuberculose medular
3. Paralisia dos membros
4. Doenças do coração
5. Afecções das coronárias
6. Atrofia pulmonar
7. Lesões do fígado
8. Atrofia renal
9. Formação de abscessos no estômago e intestinos
10. e nos órgãos genitais
11. Ostruções dos ossos
12. Formação de abscessos em todo o corpo, na pele.

PRÉIA

- Comparações remotas
1. Afecções do coração
 2. Enteriidade
 3. Anfractuoso das artérias



CLUBE DO MENOR TRABALHADOR

BR 230 KM 407 - POMBAL - PARAÍBA - BRASIL

CGC N° 11.985.942/0001-92 Tel.: (083) 431-2727 FAX - (083) 431 - 2034

Lista de participantes do curso de formação para educadores Promovido pelo Clube do Menor Trabalhador no período de 25 a 26 de junho de 1996, pela professora Maria Percícula Leite Lima, com duração de 16 horas/aula.

Cleide Calado Wanderley

Maria de Oliveira Assis

Antônio de Sousa Silva

Roberto Pereira Trigueiro

Roberto Ribeiro da Silva

Antônio Soares Bispo de Sousa

Antônio da Leite Muniz

Carlos Montenegro

Antônio A. de Queiroz Leite

Fátima Belo de Sousa

Socorro Cosme dos Santos

Socorro Alves Barbosa

Bom Sucesso de L. Fernandes

Lenice Fernandes Freitas

Symony Sousa Pereira

Antônio da Silva Ferreira

Clube do Menor Trabalhador

Colégio Josué Bezerra

Esc. Est. de 1º e 2º graus "Mons. V. Freitas

Clube do Menor Trabalhador

Clube do Menor Trabalhador

Clube do Menor Trabalhador

Colégio Josué Bezerra

Rio Grande do Sul

C. M. D. D. C. A.

Esc. Est. de 1º e 2º graus "Arruda Câmara"

João Pessoa

Clube do Menor Trabalhador

Academia de Letras

Clube do Menor Trabalhador

Pastoral da Criança

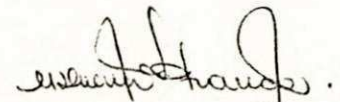
Pastoral da Criança

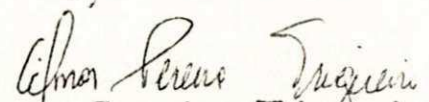
Pombal (PB), 26 de junho de 1996

DECLARAÇÃO

Declaramos que MARIA PERCINCULA LEITE LIMA, ministrou o curso " Um Enfoque Pedagógico Para a Orientação Sexual na Escola ", promovido pelo Clube do Menor Trabalhador, nos dias 25 e 26/06/96, em Pombal - PB, com carga horária de 16 horas.

Pombal (PB), 26 de junho de 1996


M^{te} José P. de O. França
- Coordenadora -


Gilmar Pereira Trigueiro
- Presidente -

